



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**

ANA LUÍSA LEITE COSTA

**O JORNALISMO LITERÁRIO E A POLIFONIA NAS “ESQUINAS” DA
REVISTA PIAUÍ
Estudo do gênero miniperfil a partir de textos sobre “cidadãos comuns”**

**BRASÍLIA
2017**

ANA LUÍSA LEITE COSTA

**O JORNALISMO LITERÁRIO E A POLIFONIA NAS “ESQUINAS” DA
REVISTA PIAUÍ**

Estudo do gênero miniperfil a partir de textos sobre “cidadãos comuns”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
para obtenção do título de Bacharel do
curso de Comunicação Social com
habilitação em Jornalismo do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB).

Aluna: Ana Luísa Leite Costa
Prof.: Luiz Claudio Ferreira

**BRASÍLIA
2017**

**ANA LUÍSA LEITE COSTA
RA 21484799**

**O JORNALISMO LITERÁRIO E A POLIFONIA NAS “ESQUINAS” DA
REVISTA PIAUÍ**

Estudo do gênero miniperfil a partir de textos sobre “cidadãos comuns”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
para obtenção do título de Bacharel do
curso de Comunicação Social com
habilitação em Jornalismo do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB).

Aluna: Ana Luísa Leite Costa
Prof.: Luiz Claudio Ferreira

Brasília, 22 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Me. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Dra Renata Bittencourt
Examinadora

Dra. Sandra Araújo
Examinadora

*Dedico este trabalho à José Otaviano Leite. Em todas as bandas que passarem
nesta vida, você estará na harmonia de cada uma das canções.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me apoiaram. Mesmo com todo o estresse, a ansiedade e as dificuldades, vocês estiveram sempre ao meu lado para histórias que já dão saudades.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Cida e Cláudio, que sempre apostaram nas minhas causas e foram incondicionais, nos momentos bons e ruins. Obrigada por absolutamente tudo que vocês fazem por mim! Vocês dois são as pessoas mais especiais que eu conheço e eu amo vocês.

Logo, agradeço a Alice, Ana, Larissa e Renata por serem o grande presente que ganhei durante essa caminhada. Amizade como a que nós construímos é rara e espero que por muito tempo, possamos ter a oportunidade de crescer juntas e manter nossos caminhos sempre próximos. Que venham mais anos!

E ao meu orientador, Luiz Cláudio. Que achado uma pessoa como você! Um apaixonado pelo o que faz é algo difícil de encontrar e com a emoção que transborda nas entrelinhas dos seus textos, incentiva nós, alunos, a fazer o mesmo. Obrigada pelos conselhos, pelos debates e principalmente pelas risadas. Nosso período de professor-aluna está acabando, mas as memórias que construímos sempre estarão no meu coração. Até uma próxima oportunidade!

Fica também um agradecimento especial para a equipe da Agência de Notícias de 2017, que acompanharam os meus desesperos. Tenho certeza que vocês tem um futuro lindo pela frente!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo encontrar a polifonia, ou seja, as diversas vozes que podem aparecer em um texto de miniperfil. Esta modalidade textual utiliza preceitos do jornalismo literário, como a maneira que a informação é organizada e a sua estrutura textual, mas de forma mais reduzida e complementar, o que a torna uma interessante alternativa para textos factuais. Para esta análise, foram escolhidos cinco miniperfis publicados pela Revista Piauí, do Grupo Folha, na coluna Esquinas e os métodos escolhidos para desenvolver esta pesquisa foram a partir de técnicas da análise narratológica, para o sentido do texto; análise de discurso, para a estrutura; e análise documental de conteúdo, para os temas que serão tratados. Os cinco textos foram escolhidos a partir dos seguintes pré-requisitos: a) não fosse político, esportista ou alguém que apareça de forma recorrente na mídia; b) não fosse um caso de uma pessoa que tenham algum estilo de vida extraordinário ou excêntrico; c) tenham sido publicados no ano de 2017 (ano de realização dessa pesquisa); d) trata-se da rotina de cidadãos comuns, apresentando a realidade em que eles se inserem. Por fim, é possível concluir que em todos os textos analisados, que a polifonia destes textos surge a partir da interação entre os fatos e os relatos das personagens, chegando em um texto contextual e informativo para o leitor que o consome.

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo literário; miniperfil; jornalismo de revista

ABSTRACT

This paper has the purpose of finding the polyphony or the voices that you can find in a mini profile text. The type of text in question usually uses precepts of the new journalism, and how the information is organized and in its textual structure. For this analysis, it has been chosen five mini profiles that were published by the magazine Piauí, from Grupo Folha, in the Esquinas monthly column, and the methods chosen for the development of this research were the narratological analysis, for the text comprehension; speech analysis, for the structure; and the documental analysis of content, for the understanding of topics that will appear in the texts. Three prerequisites have chosen the five texts: a) it couldn't be about a politician, a sports public figure, or someone who appears recurrently in the media; b) it couldn't be about someone who has an extraordinary lifestyle or is an eccentric character; c) that the text has been published in the year of 2017 (the year when this research is being made); d) that the text is about ordinary day to day lives of citizens that can represent the reality that they live in. By the end of this research, it is possible to conclude that, in all the texts that were analyzed, you can find polyphony in the interaction of the facts and the storytelling of the characters, which results in texts that can be informative and explore the context of the situation for the reader that consumes it.

Keywords: journalism; new journalism; mini profile; magazine journalism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. LITERATURA E JORNALISMO: CAMINHOS DE ENCONTRO	11
2. JORNALISMO LITERÁRIO: CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE	16
2.1 Personagem e fontes jornalísticos	19
3. O PERFIL JORNALÍSTICO	22
4. JORNALISMO DE REVISTA: A APOSTA NA INFORMAÇÃO	26
5. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: AO CORAÇÃO DO TEXTO	30
6. ANÁLISE DA POLIFONIA NA NARRATIVA	33
6.1 - Coração na mão, de Eduardo Heck de Sá	33
6.2 - Aterrissagem forçada, de Bernardo Esteves	37
6.3 - Ilhados na Rocinha, de Tiago Coelho	40
6.4 - O síndico verus pintado, de Paula Scarpin	43
6.5 - O operário, de Ricardo Lessa	46
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	53

Lembrete

*Se procurar bem você acaba
encontrando.*

*Não a explicação (duvidosa) da
vida,*

Mas a poesia (inexplicável) da vida.

(Carlos Drummond de Andrade)

INTRODUÇÃO

O jornalismo literário, diferentemente do que é visto diariamente na grande mídia, propõe um olhar diferente sobre os fatos e acontecimentos que vivenciamos na rotina do Brasil. Por se tratar de um ponto de vista subjetivo, que coloca a questão humana nos textos e trabalha em cima do filtro de uma visão mais artística, tem como objetivo não somente informar, mas como também provocar no leitor uma reação ao entrar em contato com a narrativa.

Um dos gêneros que mais se destaca do jornalismo literário dentro do chamado *new journalism*, ou Novo Jornalismo, é o perfil. O jornalista se dedica a tentar apresentar as personagens a partir da sua própria experiência com elas, com uma visão mais atenta para os atores ao invés das ações, diferente de como é normalmente publicado na grande mídia.

O texto perfil foi imortalizado por nomes como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese e a característica que mais chama a atenção nas produções destes autores é diálogo que jornalista cria entre as personagens, ao relatar suas interações e impressões do protagonista da apuração, com o leitor, que acompanha a experiência como um observado. O resultado é a criação de uma atmosfera similar a de uma conversa pelo decorrer do texto.

Esse tipo de narrativa conta com os elementos textuais da Literatura combinados com a contextualização jornalística e nos revela uma faceta completamente diferente da pessoa retratada e dos fatos nos quais ela está envolvida. O texto perfil, bem como muitos outros, possui variações no seu formato original. Um deles é o miniperfil, uma abordagem mais curta, ligada a um fato principal e com um formato próximo ao que vemos de uma apresentação de dados sobre a vida da personagem.

O principal objetivo deste trabalho é entender como a utilização das diversas vozes das fontes abordadas em uma apuração podem aparecer em um texto de jornalismo literário, mais especificamente no texto de miniperfil, que atualmente pode ser visto com uma estrutura reinventada, como podemos ver em novas publicações e revistas. Vemos uma fusão da narrativa do perfil tradicional com uma estrutura mais reduzida, mas com a mesma natureza complementar e aliada à um fato.

Com a análise, procuramos pontos que expliquem como isso interfere na exatidão dos dados, na caracterização do acontecimento jornalístico, a construção do ponto de vista do jornalista durante o texto e como ele torna suas opiniões de fato informativas para os leitores. A finalidade é achar o que torna essa produção tão rica, tanto na escrita como no conteúdo.

Assim, podemos entender o efeito que causa no leitor quando o repórter utiliza informações que se tratam de uma visão pessoal, a fim de evidenciar quais são os efeitos dado relato do processo da entrevista e da convivência com a personagem por conta do estilo textual e como as informações são colocadas em uma produção essencialmente subjetiva.

Para a construção da análise, foi escolhido o caso da Revista Piauí, do Grupo Folha. A revista, que ganhou a sua credibilidade pelos seus textos de alta qualidade, tanto de conteúdo como de escrita, tem como grande destaque da publicação é o uso do jornalismo literário.

Ao explorarem a alternativa, a revista apresenta textos mais subjetivos exploram e revelam o que há por trás das notícias que são normalmente apresentadas em matérias factuais. O carro-chefe do periódico é principalmente na vertente do perfil, que vão desde o atual presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia até ao falecido cantor, Leonard Cohen.

Para a análise, serão analisados os textos de pessoas anônimas associadas a um tema de interesse público, normalmente abordados na coluna *Esquinas*, na mesma publicação. A coluna alinha produções onde encontramos a interação entre fatos de interesse público com as personagens que vivem a rotina destas realidades, se encaixando na descrição do miniperfil apresentada acima.

Os textos escolhidos são de publicações do ano de 2017 e podemos observar que são rápidos, interessantes e não necessariamente tem algum envolvimento com a corrente de notícias factuais, mas construindo uma ligação com o contexto atual. É quase uma surpresa ver as personagens que são retratadas a cada mês.

A pesquisa está organizada sete capítulos, para visitar os conceitos, como os do jornalismo literário, a escolha de personagens, tendo em vista a hipótese da agenda *setting*, jornalismo de revista, características do texto de perfil e conceitos como objetividade, subjetividade e imparcialidade. Já na

análise, o foco será em como o jornalista participa na construção das informações no texto e de como a sua visão pode se tornar algo informativo para os leitores, seguido da conclusão que pode ser feita sobre o grau de noticiabilidade e qual a contribuição desta modalidade para a informação do leitor no seu dia a dia.

1. LITERATURA E JORNALISMO: CAMINHOS DE ENCONTRO

Para tratar sobre o gênero do jornalismo literário, torna-se necessário estabelecer características de encontros e distanciamentos. O jornalismo e a literatura eram vistos como uma espécie de “primos distantes”, linhas paralelas de narrativas. Um lado, procurava investigar fatos e suas motivações, sempre partindo de um evento concreto. O outro, buscava o sentimento, provocar uma reação nos leitores a partir de relatos que tinham sua dose de fantasia.

A produção jornalística surgiu da curiosidade e da demanda da população entender o contexto que estava inserida, depois de momentos de grande desenvolvimento científico e intelectual, como por exemplo o Renascimento e a Reforma Protestante. Grupos da sociedade passaram a buscar se informar, se comunicar para entender o que de fato estava acontecendo no momento histórico que viviam. Para José Marques de Melo (2003), “o homem começa a manipular os instrumentos da sua cultura” (MELO, 2003, p. 32) para poder analisar o meio onde está inserido.

Em outras palavras, o jornalismo é uma ferramenta para acompanhar o dia a dia daquilo que nos afeta, mas ainda é externo a nossa rotina. De acordo com Bulhões (2007), o jornalista é um historiador da vida cotidiana.

De um modo provocativo, pode-se dizer que o jornalismo possui uma natureza presunçosa. Definindo-se historicamente como atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável a ser transmitido como produto digno de credibilidade. (BULHÕES, 2007, p. 11)

Por consequência desta definição de “testemunho do real” (BULHÕES, 2007, p.11), o jornalismo sempre teve que pensar na forma de construção textual que mais remetesse a um relato de fatos da vida real. A estrela é o acontecimento e isso foi ficando claro quando formatos de texto, como no modelo de pirâmide invertida¹, propunham uma narrativa engessada a objetividade dos fatos.

¹ A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redação de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por quê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse. (CANAVILHAS, 2006)

Já a produção literária é conhecida por criar para emocionar. Um autor de literatura ficcional está mais preocupado com a essência do texto, com o desenrolar da personagem ou de si mesmo, suas emoções e como isso pode cativar o leitor a sentir o mesmo.

Trata-se de dotar a linguagem verbal de uma dimensão que ela não é meio, mas fim; torná-la como matéria em si, portadora de potencialidades expressivas. Na literatura, a linguagem não é mera figurante, mas o centro das atenções. Nesse sentido, se há algo para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem. (BULHÕES, 2007, p.12)

O texto literário se aproxima mais do que podemos ver em um conceito de arte. Cada relato é diferente e não se encaixa em moldes pré-definidos de texto. A literatura pede uma linguagem que possa provocar no leitor aquilo que o autor pretende passar.

[...] pode-se afirmar que todo texto literário é insubstituível. No momento que ele é tomado para ser retransmitido, alterando-se sua constituição formal, realiza-se inapelavelmente a construção de outro texto. (BULHÕES, 2007, p. 13)

O contexto histórico dessas narrativas mostra um caminho primeiramente entrelaçado nos primeiros registros das duas linguagens, por se utilizarem da mesma forma para se comunicar com o público. Em épocas que não contávamos com o audiovisual, a escrita era a forma escolhida para contar histórias, sejam elas fatos ou ficção.

Esta associação pode ser explicada pela Teoria Geral dos Sistemas, que defende que a chegada de um novo sistema, de um novo método de expressar e utilizar algo, ele sofre da influência de algo que já existe. Lima (2004) coloca que essa teoria pode ser usada para entender a constante associação do jornalismo com a literatura por se utilizarem da escrita como meio de comunicação.

A confusão conceitual quanto aos objetos e instrumentos de expressão, entre a literatura e a imprensa industrial iniciante não é privilégio do jornalismo. É característica de todos os sistemas. [...] as inovações e os avanços históricos surgem, caminham atrelados a componentes de uma realidade antiga, que só aos poucos são abandonados, enquanto a nova realidade impõe-se com suas peculiaridades. (LIMA, 2004, p. 176)

No Brasil, podemos ver em uma das primeiras produções considerada como parte do que é conhecido como acervo da produção literária brasileira, o texto *A Carta* de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500, como os caminhos da literatura e do jornalismo podiam caminhar juntos. A carta tinha o claro propósito de informar a coroa portuguesa sobre as impressões do ‘novo mundo’, característica pouco explorada nos textos literários até então. A linguagem ali utilizada, com pouco enfoque nos fatos e sim no sujeito que estava vivenciando a experiência. Essa corrente foi denominada posteriormente como Quinhentismo ou Literatura de Informação.

Logo, várias vertentes e produções literárias se apropriaram do que mais tarde seriam considerados pilares do jornalismo. No livro *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, o autor se apropriou de elementos fictícios para contar sobre a realidade corrupta do Império na cidade de Vila Rica de 1778, atual cidade de Ouro Preto. Já no Naturalismo brasileiro, os romances carregavam detalhes sobre a vida das grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo nos enredos, como no livro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, que descrevia em detalhes a vida dos cortiços da até então capital do Brasil em 1890.

O começo do desenvolvimento da imprensa surgiu das mãos de escritores. Nomes como próprio Machado de Assis, Gonçalves Dias e José de Alencar trabalharam em veículos jornalísticos e deixaram algumas características do texto literário para o material jornalístico que era produzido e podiam divulgar seus trabalhos nos jornais.

É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época. Esse aspecto divulgador, oportunidade inovadora de chegar à coletividade, é o fator que atrai os escritores [...]. (LIMA, 2004, p. 174)

O que veio a ser conhecido posteriormente como literatura de folhetim foi o principal ponto de partida para encontro de literários com os jornais. Movimento iniciado na França, o folhetim foi a alternativa que a crescente burguesia tinha para ter acesso aos textos literários. Pena (2006) comenta que esse foi o momento de “democratização da literatura” (PENA, 2006, p.33) e por consequência, o primeiro encontro formal entre a linguagem literária com o jornalismo.

O casamento entre a imprensa e os escritores era perfeito. Os jornais queriam vender e os autores queriam ser lidos. [...] A solução parecia óbvia: publicar os romances em capítulos na imprensa diária. Entretanto, esses romances deveriam apresentar características para seduzir o leitor. Não bastava escrever muito bem ou contar uma história com maestria. Era preciso cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal no dia seguinte. (PENA, 2006, p. 32)

Esse casamento deixou herdeiros importantes. Um grande símbolo do que veríamos no Jornalismo Literário no futuro foi o livro *A Alma Encantadora das Ruas*, que reúne os textos do jornalista João do Rio produziu nos anos de 1904 a 1907. O escritor relata a desocupação dos cortiços na cidade do Rio de Janeiro por crônicas², texto que surgiu a união de escritores com os jornais. O modo que ele escrevia os textos tinha uma clara influência da linguagem literária, por explorar o meio, as personagens e os sentimentos que provocavam o fato que estava acontecendo.

Até em textos jornalísticos factuais poderíamos ver os resquícios que a literatura marcou nesse primeiro momento da imprensa brasileira. A reportagem surgiu como um sopro de ar para os relatos que vimos no jornalismo na época. Ela surgiu, nas palavras de Lima (2004) que “a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles” (LIMA, 2004, p.19) . Na definição do mesmo autor, reportagem é:

É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e no seu contexto, oferecendo, ao seu autor ou aos seus autores, uma dose ponderável de liberdade [...] (LIMA, 2004, p.18)

Em coberturas de grandes acontecimentos, os detalhes que eram explorados pelo lado subjetivo. Nesse momento, vimos o pontapé para o crescimento da reportagem nos grandes jornais, que eram tão ricos em informações e estrutura que acabaram por se tornar grandes reportagens e até livros-reportagem, como aconteceu com *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

² *hist* compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo [Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; a partir do séc. XIX passou a refletir tb. a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc.].

Com a chegada das eras industriais em definitivo nas sociedades ocidentais e a consolidação do jornalismo como uma produção diária e comercial, o mercado começou a demandar um texto mais objetivo e factual, fortemente influenciado pelo jornalismo que era feito nos Estados Unidos na época. Esse caminho acabou por separar por completo e fundamentar o que conhecemos hoje como as definições de jornalismo e literatura.

O resultado dessa separação acabou por ter um ponto negativo. Para todo e qualquer relato que se propunha a ser jornalístico, o texto se era visto com características literárias, ele era desacreditado. O mesmo se um texto de ficção possuía fortes ligações com fatos da vida real. Lima (2004) exemplifica com o caso que aconteceu com o crítico Boris Schnaiderman, quando escreveu seu livro *Guerra em surdina*:

Boris tentou fazer ficção, mas a presença dos fatos reais era muito forte. A obra saiu vacilante entre a ficção e a captação de uma realidade imediata. Mesmo seu amigo Paulo Rónai apontou essa vacilação como um defeito, coisa que o autor entende não ser mais encarada como tal [...] (LIMA, 2004, p. 180)

Esse pensamento somente foi contestado com a chegada do *new journalism*, ou Novo Jornalismo, que será explicado no próximo item.

2. JORNALISMO LITERÁRIO: CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE

O cenário era de discussões. Qual seria a melhor forma de construir um texto da maneira mais informativa para os leitores? Em pleno desenvolvimento das grandes pesquisas em comunicação que surgiram no século XX, os pesquisadores procuravam entender a comunicação e como deveria ser a maneira mais eficiente de informar, levando em consideração o modelo de negócios que era viável para os veículos.

Nas conhecidas Teorias da Comunicação, surgiram modelos que se empenharam em desvendar o que existia nos veículos de mídia para construir a sua credibilidade e relevância em seu material. Em um desses modelos, o modelo semiótico-textual, que tentava desvendar não somente a mensagem, mas também as variações que os diferentes gêneros traziam para quem consumia essa informação. Segundo Mauro Wolf (2008), “no modelo semiótico-textual, não são mais ‘as mensagens’, mas é a relação de comunicação que se constrói em torno de ‘conjuntos de práticas textuais’ (WOLF, 2008, p.125).

A partir deste estudo, chegou-se a conclusão que o público recebe melhor estruturas textuais engessadas pela saturação desse modelo no jornalismo. Ou seja, grandes grupos de comunicação de massa apostaram em textos com um formato padronizado, que era considerado ‘melhor’, não por ser mais informativo de fato, mas porque é familiar para quem lê esse material, que naturalmente já se apresenta resistente e dotado de pré-conceitos.

Por isso, era necessário buscar no passado a reinvenção. Roger Silverstone (2002) em seus estudos de crítica da mídia, analisa o que há por trás do ato de contar uma história no ambiente de veículos de comunicação. É preciso uma história bem contada, com estrutura. Sedução, tensão, algo que verdadeiramente prenda a atenção do leitor enquanto ele recebe as informações que um texto pode servir. Algo que vemos mais comumente na Literatura, não no Jornalismo.

Histórias com começo, meio e fim: estruturas familiares, temas reconhecíveis, agradáveis por sua variação; uma canção bem cantada, um conto bem contado, um suspense bem feito. (SILVERSTONE, 2002, p. 79)

O jornalista Tom Wolfe redigiu, em 1973, o manifesto do *new journalism* ou Novo Jornalismo, que defendia os pilares citados acima para fundar um jornalismo menos apático e mecânico. Pena (2006) observa que em reportagens e livro-reportagem lançados antes do manifesto, o que seria conhecido como Jornalismo Literário pode ser encontrado em livros como *Hiroshima*, de John Hersey que foi publicado em 1946.

A ideia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva”. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não ter a personalidade apagada e assumir a encenação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. (PENA, 2006, p. 54)

Wolfe recusava o título de “movimento” para o Novo Jornalismo e defendia que a corrente surgiu do instinto que surgiu dos próprios jornalistas. A proposta sugeria que teríamos que valorizar a reportagem, o contexto, as entrelinhas e de uma certa forma, “educar” o leitor sobre o assunto abordado. Algumas outras características eram:

- Reconstruir a história cena a cena;
- Registrar diálogos completos;
- Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens;
- Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem (PENA, 2006, p. 54)

Desta forma, o jornalismo literário contemporâneo nasceu. Com a natureza mais subjetiva, os textos também demandam mais cuidado com a apuração. Os chamados “especialistas em reportagem” apareceram em cena. São esses jornalistas que de fato se dedicam a se tornarem conhecedores do tema que será tratado, das personagens que serão entrevistadas e no contexto que está sendo retratado.

Não pense que basta aplicar recursos para se tornar um jornalista literário. Principalmente porque você só conseguirá aplicá-los se for um repórter extremamente engajado, entrevistando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível. (PENA, 2006, p. 55)

A linguagem seria mais próxima da literária, mais atenta ao contexto que envolvia um acontecimento. Conversas íntimas, a participação ativa no repórter

e retrato das relações que rodeavam os acontecimentos eram os novos protagonistas. Bulhões (2007) destaca que “o fato do *new journalism* ter surgido ali (Estados Unidos) é sintomático de uma atitude de reação” (BULHÕES, 2007, p.146), contrária a esse jornalismo massificado e superficial. Era necessária profundidade.

O grande alvo da produção do jornalismo literário foram as revistas. Jornais também dedicaram seu espaço para esse tipo de produção, mas o centro da produção desse conteúdo está em veículos como *The New Yorker*, *Herald Tribune* e *Esquire*. Era uma luz forte e latente sobre o que acontecia no contexto histórico da época.

Em tempos de contracultura, esse sim chamado de movimento, estruturas que ruíam, mas que embasaram as correntes conservadoras de pensamento da época, foram fortemente contestadas. O “Novo Jornalismo” é a prova mais clara que, na imprensa, não foi diferente. O novo pedia humanização, conteúdo, e mais do que a pirâmide invertida poderia oferecer às novas gerações.

[...] o *new journalism* focalizava-os (os fatos) com calos, vivamente. À objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés a cabeça no real. (LIMA, 2004, p. 195)

Esse novo formato de produção atraiu não somente leitores, mas também escritores, fruto do desenvolvimento da nova linguagem em veículos. Nomes como Gay Talese e Truman Capote recorreram ao Novo Jornalismo para conceber grandes livros e matérias, este último produzindo um dos livros que mais simboliza essa fusão do ficcional com a narrativa subjetiva, *A sangue frio*, publicado em 1966, que conta a história de um assassinato de uma família inteira no estado do Kansas, nos Estados Unidos.

A busca de escritores pelo jornalismo literário revelou um novo lado da realidade que sempre existiu e bastava ser observada, onde não era necessárias narrativas inventadas. Um lado que era mais interessante e intrigante do que era mostrado no jornalismo factual.

Revertiam-se as posições, essa era a tese de Wolfe. Agora eram os escritores que buscavam o jornalismo e não mais o contrário. O novo jornalismo alcançava um status literário próprio, em 1969 já se constituiria num gênero que não poderia ser mais considerado inferior. Na pior das hipóteses, acreditamos que não haveria mais como negar

as qualidades literárias da produção dessa corrente jornalística. (LIMA, 2004, p. 197)

De fato, não poderia mesmo negar o valor dessa produção jornalística. A exigência do relato de detalhes abriga a natureza literária, mas fazer isso a partir do real, é mais exaustivo. Era necessário passar dias apurando um determinado caso. Conversar e conhecer profundamente os envolvidos. Realmente, o jornalista literário teria que se tornar um especialista naquilo que ele estava relatando.

2.1 Personagem e fontes jornalísticos

As entrevistas aqui eram mais do que fontes e apuração de informações. Por consequência, o trabalho de encontrar a verdade dos fatos era muito minucioso. O jornalismo literário exigia momentos de vulnerabilidade, principalmente em entrevistas. Tanto o entrevistado, que teria sua vida investigada e analisada para construir um relato mais preso ao contexto, como o entrevistador, que colocaria o seu ponto de vista em julgamento se é como relevante ou não, revelavam questões pessoais para a construção do texto.

Para Lage (2008), no seu diálogo como George Gerbner (1956), apresenta que fonte é uma “função de representar subjetivamente a realidade antes de transmiti-la” (LAGE, 2008, p.54). Para obter um material mais próximo possível do que realmente aconteceu, é necessário encontrar vários pontos de vista que cercaram um acontecimento, para encontrar as semelhanças entre as versões.

Fontes podem mentir, mas é de se esperar que não mintam. [...] cientistas sociais da corrente funcionalista (principalmente Lazarsfeld, Merton, Kennedy) que, estudaram nas décadas de 1930, 1940 e 1950, estudaram comunicação humana: os homens consideram crucial ser aceitos socialmente e, por isso, desenvolvem atitudes cooperativas; trata-se de algo, supõem esses cientistas, que se molda desde a primeira infância, ao longo do processo de socialização. (LAGE, 2008, p. 55)

Por essa expectativa de ter a verdade nas mãos que o jornalismo literário embasou sua estrutura em relatos de pessoa que viveram o fato. Fontes oficiais, como as que podemos observar em assessorias de imprensa eram na sua maioria, apenas o ponto de partida para o despertar do início da investigação, sendo coadjuvantes.

Era a hora e a vez das personagens. Entender suas motivações, suas vidas e trajetórias, suas personalidades. A herança da literatura ficou exposta nessa característica, já que, como as ficções, apresenta com riqueza de detalhes, suas personagens para então iniciar um conflito central das narrativas.

Brait (1998) defende que “personagens são a representação de pessoas” (BRAIT, 1998, p.11). Apesar de não existirem no mundo em que vivemos, as personagens são plenamente capazes de provocar emoções, despertar questionamentos e claro, contar histórias a partir da mera apresentação das seus traços e personalidade.

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. (BRAIT, 1998, p. 11)

A linguagem literária aplicada ao jornalismo não somente contribui para um texto mais completo em informações, mas também constrói uma ponte mais resistente entre o jornalista e o leitor. O entendimento do fato é bem construído, porque ao conhecermos profundamente as personagens do fato, o leitor passa a compreender a história em todas as suas entrelinhas. Silverstone (2002) defende o poder da retórica da estrutura literária pela sua presença no nosso desenvolvimento como seres humanos.

Nossas histórias são textos sociais: rascunhos, esboços, fragmentos, estruturas; [...]. Sob esse aspecto, elas são nossa cultura, gostemos disso ou não [...] provocando anseios, possibilidade, desejo; levantando questões, procurando respostas. (SILVERSTONE, 2002, p. 82)

O jornalismo literário teve que então, aprender a investigar pessoas reais para descrevê-las com a riqueza de uma personagem ficcional. Passar dias com os entrevistados, conviver na rotina do outro e afiar o olho aos detalhes.

De acordo com Sodré e Ferrari (1986), é possível identificar três tipos mais comuns de personagens em textos do Jornalismo Literário. A personagem que se destaca pela sua história, é uma pessoa que de alguma forma impactou o público, seja pelo seu trabalho ou por algum fato que tenha acontecido em sua vida. O segundo tipo é a personagem que representa uma realidade, que é

retratada para passar o dia a dia de um grupo, seja de uma classe social ou profissão. E por último temos a caricatura, personagens que são peculiares de alguma forma e chamam a atenção por algo em especial, fora do padrão que encontramos socialmente.

Ao ter que lidar com pessoas tão variadas, jornalistas começaram formar estratégias para retirar mais informações possível dos seus entrevistados, provocando o surgimento algumas vertentes dentro do Novo Jornalismo. Uma delas foi o Gonzo. A proposta era testar os limites, plantar provocação atrás de provocação para conseguir o material necessário para escrever o texto ideal.

É preciso viver as reportagens para poder relatá-las. [...] Jornalismo Gonzo consiste no envolvimento profundo e pessoal do autor no processo da elaboração da matéria. Não se procura um personagem para história; o autor é o próprio personagem. Tudo que foi narrado é a partir da visão do jornalista. [...] a principal característica dessa vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação. (PENA, 2006, p. 57)

O Gonzo abriu o leque para o futuro. Graças ao método utilizado, os textos acabavam sendo focados na experiência com as personagens e os acontecimentos acabavam ficando em segundo plano. A descrição da convivência com essas pessoas era intrigante, despertava a natureza humana de querer conhecer a vida do outro.

Esse desejo chegou a um ponto culminante que já não era tão essencial ter a descrição de um fato para justificar um texto, a interação com as personagens, as histórias relatadas por si justificam a existência daquele material. Assim, surgia uma nova vertente textual no jornalismo literário: o perfil.

3. O PERFIL JORNALÍSTICO

Perfil. A linguagem jornalística aqui traz a natureza do objetivo do texto na sua definição formal: descrever como é uma pessoa e como isso traz impacto para o que ela faz. De acordo com Sodré e Ferrari (1986):

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa - seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 126)

Como já foi comentado anteriormente, o perfil surgiu a partir da riqueza do material que era conseguido pelos jornalistas em reportagens. A interação que surgia entre o criador e a personagens rendia um novo ponto de vista sobre um determinado contexto, o de ator, de participação em um fato.

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se em geral de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características ou circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 2004, p. 52)

Ao evidenciar esse ator, o jornalista começa a tentar entender a personagem que está na sua frente. Sua realidade, suas motivações para fazer o que faz, sua forma de encarar a vida. Isso dará a garantia de um texto mais informativo e completo para quem o consome.

Vilas Boas (2003) coloca em seu livro, *Perfis e como escrevê-los*, o quanto a subjetividade pode explicar com mais clareza o que nos rodeia. Ele coloca como um dos recursos chave para um perfil é a empatia. “A frieza e o distanciamento são altamente nocivos” (VILAS BOAS, 2003, p. 14) para a construção do material. O jornalista aqui é um ativo participante da narrativa, por consequência, a exigência sobre ele se torna maior.

Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa

compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. (VILAS BOAS, 2003, p. 14)

Imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Essa é a premissa básica de todo e qualquer texto de perfil. Isso explica a dedicação na apuração, a exigência de verificar se o ponto de vista de jornalista foi aguçado o bastante para desmistificar o como a personagem pensa. Se aproxima muito da psicanálise, tentar captar na fala do perfilado a verdade.

Vilas Boas (2003) ainda acrescenta que o distanciamento pode gerar “o risco de (os jornalistas) se tornarem *voyeurs*, que vêem muito e sentem pouco” (VILAS BOAS, 2003, p. 14). É preciso mais que somente observar, é preciso conhecer com quem você está lidando.

Na linguagem, o perfil segue as tendências propostas pelo Novo Jornalismo, corrente que sugeriu que textos jornalísticos poderiam encontrar na subjetividade, uma maneira mais completa de contar sobre um acontecimento. “O ponto de vista, em particular, o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa e o registro fiel dos traços do cotidiano” (LIMA, 2004, p. 197) são a matéria prima desses profissionais. Agora com um status de produção literária e da procura de escritores de métodos claramente jornalísticos para escrever, o Novo Jornalismo marcou a reconciliação entre a literatura e o jornalismo.

A narrativa é feita a partir da construção das personagens, de como suas personalidades funcionam. Aqui, como se trata de uma lupa em um fato real, o leitor já chega nesse texto sabendo do enredo, mas veio a procura de um contexto, de um porquê.

A profissão de repórter nos credencia a ficar conectados com pessoas muito interessantes, e às vezes a uma distância física que o leitor comum dificilmente poderia estar. (VILAS BOAS, 2003, p. 14)

Por esse privilégio, é o dever do repórter filtrar tudo que será publicado. Como estamos lidando com fontes subjetivas, informações que passam por um filtro de pré-conceitos e valores antes de chegar ao leitor, o jornalista que se propõe a escrever um texto de perfil deve manter-se autocrítico, mas sem censuras apressadas.

Vilas Boas (2003) em seu livro orienta sobre possíveis situações que podem ocorrer na durante a apuração e produção do texto. Limitação do espaço

de publicação, uma personagem reservada demais ou a facilidade que o julgamento do repórter pode passar para o texto e imprimir o entrevistado apenas pelos preconceitos do jornalista são obstáculos encontrados na produção de um texto de perfil. Um dos mais graves é a possível confusão de retratar alguém por um texto de perfil e acabar por cair em uma típica história que podemos ver na indústria do jornalismo de entretenimento.

O estímulo à invasão da privacidade. A meu ver, isto é uma praga cuja a origem está no culto cada vez mais doentio às celebridades e subcelebridades do *showbiz*. Diga não à tirania das aparências. (VILAS BOAS, 2003, p.15)

É importante lembrar que estamos aqui para acrescentar informações a um fato que é de interesse público. Pode ser o trabalho ou trajetória de um artista conhecido, atores centrais de fato relevante ao público ou alguém que simbolize uma questão que merece ser retratada. Grandes trabalhos que podemos ver de textos de perfil foram como a pontuações para várias notícias factuais ou explicavam as atitudes de várias pessoas que faziam parte da cena midiática.

Em seu livro, Pena (2006) apresenta Gay Talese e Tom Wolfe como dois grandes representantes de jornalistas que produziram textos de perfil. Eles são conhecidos não somente pela qualidade escrita que era vista em seus textos, mas pela forma que conduziam as informações pelo texto. O diferencial destes jornalistas eram como eles colocavam símbolos e encaixavam diálogos para materializar o pensamento deles sobre determinada cena com apenas o relato.

Lima (2004) na sua interpretação de Wolfe lança mão de quatro artifícios que podemos ver em textos do Novo Jornalismo e por consequência, em textos de perfil: o diálogo, as cenas, o ponto de vista e o detalhamento do status de vida, destacando os dois últimos como os mais eficientes em textos impressos. Estes elementos estimulavam o fluxo de consciência do leitor poder criar na sua imaginação, o que o jornalista enxergou quando estava convivendo com a personagem.

Quando a produziam perfis humanos, os *novos jornalistas* como que se grudavam com os seus personagens, qual carrapatos, acompanhando-os, observando-os à exaustão até que espontaneamente aconteciam as cenas do cotidiano realmente reveladoras do personagem, seu comportamento, suas atitudes, seu status de vida, suas contradições. (LIMA, 2004, p. 206)

As cenas traziam a verdadeira faceta das personagens. Apresentava aos jornalistas como quem eles estavam lidando e assim, conhecer a fundo as reações dos perfilados diante as mais variadas emoções e situações. Ao ter contato com essa realidade, era mais claro para o jornalista construir o texto da forma mais próxima ao que realmente aconteceu.

Com a utilização da linguagem literária, que naturalmente atrai os leitores pela sua retórica naturalmente sedutora, associada à natureza humana social de querer conhecer o outro, estava a magia dos textos de perfil.

Dentro do gênero de perfil, podemos encontrar ramificações do que podemos encontrar com as características de um perfil clássico, que foi explicado acima neste capítulo, mas com algumas diferenças. O multiperfil, por exemplo, é um estilo onde temos “vários narradores e um só objeto de narração” (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 139), normalmente usado para homenagear alguma figura muito importante. Também podemos encontrar outro formato conhecido como miniperfil.

[...] existe o miniperfil, às vezes inserido em todo tipo de reportagem. Nesse caso como o destaque é dado aos fatos, à ação ou ao levantamento de dados, os personagens são secundários: o relato é interrompido para dar lugar a um enfoque rápido sobre eles, sob forma de narrativa ou de uma curta entrevista. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 139)

A experiência com esse tipo de texto revolucionou o cotidiano do jornalismo, principalmente nas revistas e as próprias estruturas dos textos colocados. O miniperfil, por exemplo, pode ser visto atualmente deixando o caráter coadjuvante de complemento para peça chave da informação, com o uso de elementos textuais do jornalismo literário, se tornando até independente, com um texto único, sem ser apenas um adicional como descrito por Sodré e Ferrari anteriormente.

As transformações começaram com as revistas. Esses veículos em especial apostaram no jornalismo literário como diferencial dos jornais, divisão que é notada até hoje na contemporaneidade. A herança da subjetividade no jornalismo feito em revistas é o que será aprofundado no próximo capítulo.

4. JORNALISMO DE REVISTA: A APOSTA NA INFORMAÇÃO

As revistas, como abrigo da grande reportagem, formam um ambiente setorizado. Publicações que se propõem a entender e destrinchar um tema. Pelas revistas, dá-se vazão a nichos de publicações. Saúde, carros, comportamento, culinária, decoração, questões sociais, política, ciência, economia. Era e ainda é um ambiente para novas ideias, não somente de conteúdo, mas também na linguagem.

Em seu livro que trata sobre o jornalismo feito em revistas, Scalzo (2003) comenta dessa setorização ser o motivo do reconhecimento de um novo formato quando ele apareceu pela primeira vez na publicação alemã de 1663, *Edificantes Discussões Mensais*.

Tinha cara e jeito de livro e só era considerada uma revista porque trazia vários artigos sobre um mesmo assunto - teologia - e era voltada para um público específico. (SCALZO, 2003, p. 19)

Essa era a missão das revistas: atender ao público específico que queria saber mais sobre um determinado assunto. Desde o aparecimento dessa inovação, logo se espalhou pelo mundo. Era uma ideia de sucesso: juntar uma linguagem mais simples com mais conteúdo, “ocupou o espaço entre o livro (objeto sacralizado) e o jornal (que só trazia o noticiário ligeiro)” (SCALZO, 2003, p. 20).

Com esse lugar que compartilhava de características de dois extremos, a revista foi essencial para o crescimento do jornalismo. Sua qualidade de conteúdo exigia mais dos profissionais que lidavam com esse tipo de publicação e praticamente uma ferramenta de educação para quem lia, por ser mais focada no público específico que consome esse tipo de informação.

Por carregarem objetivos semelhantes, não é por acaso que a revista é o veículo onde encontramos mais exemplos de textos com características do Novo Jornalismo em suas produções. Somada a informação especializada que encontramos nos artigos das publicações com a linguagem subjetiva que prioriza o contexto e os atores para entender os fatos, foi um casamento feliz.

Em tempos que os jornais se direcionaram para objetividade dos fatos, de pirâmides invertidas e notícias factuais, as revistas apostaram em grupos

segmentados e artigos informativos, caminhando para o que viria a se tornar a reportagem, com a linguagem influenciada por fatores literários.

Com o crescimento tanto da vertente do Jornalismo Literário, como do jornalismo factual, o confronto de ideias reapareceu. Qual seria a melhor forma de informar: com a objetividade dos fatos ou com a subjetividade do contexto? De acordo com Amaral (1996), a objetividade é um sinônimo de um resultado de uma experiência, “é a característica do conhecimento objetivo” (AMARAL, 1996, p. 18) tendo como base a experimentação.

Os editores estão sempre recomendando aos redatores e repórteres: sejam objetivos. Muitos manuais de jornalismo fazem o mesmo: sejam objetivos, claros e verdadeiros. A objetividade é apontada como uma das principais virtudes da matéria jornalística. (AMARAL, 1996, p. 17)

Em contraponto, Lima (2004) ao falar sobre o Novo Jornalismo e a resistência que ele sofreu da mídia tradicional por lidar com uma linguagem mais subjetiva. “Esse elemento, subjetividade, a comunidade conservadora da pátria do jornalismo objetivo não perdoava” (LIMA, 2004, p. 206)

Em princípio, ninguém acredita que os diálogos sejam verdadeiros, acusam que tamanha precisão só poderia surgir da elaboração ficcional. [...] Os editores mais conservadores rejeitam o uso de pontos de vista inortodoxos [...] acusam novos jornalistas de comporem personagens e cenas [...] os críticos simplesmente não concebiam que se pudesse fazer jornalismo com tal nível de precisão [...] (LIMA, 2004, p. 206)

A preocupação aqui estava com a verdade do que realmente aconteceu. Um lado se preocupava com uma forma lógica de pensar, mais presa a fatos, ações e documentos e com uma apuração mais rápida e mecânica. O outro se preocupava com todas as versões de um acontecimento para chegar assim, a uma verdade concreta, a algo palpável, real e justificado pelo contexto. Em uma publicação como uma revista, que se propõe a discutir conteúdos específicos, que tenha passado por uma investigação mais aprofundada, a abordagem subjetiva do Novo Jornalismo segue a mesma proposta.

Outra questão a ser tratada pela diferença do jornalismo de revista do que é jornais tradicionais é a imparcialidade. Por muitos anos, jornalistas tiveram que se prender a manuais de redação que tinham como máxima: sejam imparciais, sempre procurem os dois lados de um acontecimento. Rossi e Ramires (2013)

colocam para conservadores no jornalismo, objetividade e imparcialidade são sinônimos.

Mas ao enxergarmos que a realidade possui muito mais que apenas dois lados e “o que existe é uma objetificação, uma objetividade aproximada ou um esforço de conhecer a realidade naquilo que ela é” (JAPIASSU, 1975 apud. AMARAL, 1996, p. 23), é possível compreender que forma mais segura de chegar a uma conclusão concreta é lidar com diferentes pontos de vista, inclusive dos próprios jornalistas e veículos, para construir uma narrativa de um acontecimento da forma mais verossímil.

As revistas constroem essa possibilidade desde o seu início, por lidarem com ambientes segregados de conhecimento e defendem o ponto de vista daquele setor da sociedade, de forma clara e aberta. A publicação proporciona aos seu leitor, o entendimento de dos fatos sob um olhar.

No Brasil, a cultura de revistas ficou marcada com nomes como *Realidade* e *Cruzeiro*. Essas publicações, em especial a *Realidade* foram determinantes para o desenvolvimento do jornalismo no país com o “estilo *Realidade*”.

Realidade primou pelo texto solto que rompia com as fórmulas tradicionais do jornalismo no Brasil. Não chegou a atingir o grau de experimentalismo ousado que alcançou o *new journalism*, mas sem dúvida veiculou um texto de ruptura para com o próprio texto de jornal e da revista. (LIMA, 2004, p. 230)

Foi na *Realidade* que o público brasileiro começou a conviver cotidianamente com o Jornalismo Literário e por consequência, os perfis. Seguindo a tendência americana, a revista no Brasil incorporou a linguagem literária como via de comunicação para seu conteúdo e para retratar personagens brasileiros.

Chamo atenção para as seguintes características dos textos biográficos de *Realidade*: imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; [...] repórteres reconheciam e assumiram, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da às vezes indecifrável mas sempre fascinante personalidade humana. (VILAS BOAS, 2003, p. 24)

Características de perfis eram usadas pela revista como uma forma de atrair os leitores pela linguagem. Como foi explicado em capítulos anteriores, o

texto literário é sedutor, então mesmo para pessoas que não se interessavam naturalmente pelo tema, o público lia pelo formato literário utilizado, como ler uma história ficcional, mas sobre algo que realmente aconteceu.

Esse fenômeno explica o quando o jornalismo tradicional deixava a desejar em seu formato fechado e pré-determinado. Os leitores e os próprios jornalistas pediam por textos em “busca da cor, do cheiro, do choro, do gozo, do ritmo, da dor, da esperança, da ternura, do tato, do gosto” (LIMA, 2004, p. 230).

Por isso o texto literário valia. O texto em que cada profissional testava a sua força de expressão. Em que cada um manipulava como lhe aprouvesse os elementos da artesanaria literária emprestados à escritura do real contemporâneo. (LIMA, 2004, p. 230)

A inclusão do literário revolucionou o jornalismo. Fez pesquisadores repensarem qual é a melhor maneira de comunicar, exigiu mais dos profissionais nas redações e mais importante, elevou a qualidade do texto jornalístico, tanto em termos de linguagem como de conteúdo, incluindo uma noção contextual, que acaba sendo mais informativo para o leitor.

5. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS: AO CORAÇÃO DO TEXTO

Para chegar ao objetivo deste trabalho, que é o de identificar as vozes incorporadas nos miniperfis publicados na seção *Esquinas*, da revista *Piauí*, é preciso entender como o jornalista incorpora as mais diferentes versões das fontes utilizadas na apuração do texto na criação do contexto mais adequado. A finalidade é encontrar como a estrutura de um texto literário consegue harmonizar todas as vozes utilizando uma estrutura mais reduzida e complementar encontrada no miniperfil.

O principal fio condutor para essa pesquisa será a leitura de elementos da análise narratológica. Para encontrarmos na construção do sentido do que é colocado em um texto que utiliza uma linguagem mais literária, a narratologia é fundamental para compreender os nuances que o material traz. Motta (2005) conceitua a importância da narrativa para a retórica literária como um elemento que dá contexto e sentido para o que é contado.

Não é de se surpreender, portanto, que maneiras opostas de relatar fatos, como a história e a literatura utilizem ambas a forma narrativa. [...]. Quem narra evoca eventos conhecidos, seja porque os inventa, seja porque os tenha vivido ou presenciado diretamente (uma atitude de alteridade). Revela assim, uma tendência para exteriorização temporal, para uma atitude de distanciamento autônomo. Mas sempre de forma verossímil, como se os houvesse presenciado. (MOTTA, 2005, p. 6)

Em questões como a complexidade que o papel de uma personagem ganha em um texto com a linguagem literária. Segundo Motta (2005), em um texto de literatura, comum ou no jornalismo, a personagem criada é “uma figura de discurso” (MOTTA, 2005, p. 73). Aqui, como estamos lidando com pessoas reais, a personagem acumula funções, essenciais para a compreensão do que está escrito e portanto, para uma análise mais completa de seu conteúdo.

A personagem é uma categoria linguística, uma figura da dramaturgia (do conto, da novela, da narrativa jornalística, etc.). [...] Podemos nos referir a pessoas reais, mas na narrativa elas permanecem como categoria do discurso. (MOTTA, 2005, p. 73)

Com essa relação com a questão escrita, também será usado na análise do material, técnicas relacionadas a análise do discurso para encontrar nas entrelinhas textuais, as diferentes fontes e a relevância delas no material escrito pelos jornalistas da revista. Fairclough (2001) ao analisar a questão do discurso na transmissão de uma mensagem, começa pelo raciocínio de que é possível “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político para o discurso e a linguagem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 89).

[...] a variação no uso da linguagem é sistemática e acessível ao estudo científico e que aquilo que o torna sistemático é a sua correlação com variáveis sociais: a língua varia de acordo com a natureza da relação entre os participantes em interações, o tipo de evento social, os propósitos sociais das pessoas na interação e assim por diante. (DOWNES, 1984 apud. FAIRCLOUGH, 2001, p. 90)

Como o principal objetivo é encontrar o sentido na utilização da polifonia nos miniperfis, essa técnica é essencial para a compreensão do texto que é construído com esse recurso. Maingueneau (2005) em seu diálogo Bakhtin, linguista russo que “introduziu essa noção (da polifonia) para o estudo da literatura” (MAINGUENEAU, 2005, p. 138), usou da análise do discurso para encontrar o sentido no uso da polifonia em textos midiáticos.

Em geral, o indivíduo que fala e se manifesta como “eu” no enunciado é também aquele que se responsabiliza por esse enunciado. [...] Assim, no enunciado: “Eu vi você ontem com o presidente”, o enunciatador é aquele em relação ao qual se definem os parâmetros da situação de enunciação: a presença do “eu” indica que o sujeito da frase coincide com o enunciatador; o “você” refere-se ao co-enunciatador selecionado pelo enunciatador e “o presidente” refere-se a alguém excluído da dupla de enunciatadores; o passado dos verbos indica que a asserção da dupla se refere a um momento anterior à enunciação. (MAINGUENEAU, 2005, p. 137)

A separação do objeto e da amostragem da pesquisa ficou determinado na escolha de cinco miniperfis publicados pela coluna. Essa escolha passou por processos da metodologia de análise documental de conteúdo, que também é um elemento que será utilizado na análise textual, em uma questão mais ligada ao conteúdo. A técnica, que segundo Gil (2012), surgiu a partir da grande quantidade de textos de comunicação que são produzidos.

uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações. (BERELSON, 1952 apud. GIL, 2012, p. 152)

A partir desta reflexão, para a seleção dos textos escolhidos, levou-se em conta os seguintes critérios de inclusão:

1. não fosse político, esportista ou alguém que apareça de forma recorrente na mídia;
2. não fosse um caso de uma pessoa que tenham algum estilo de vida extraordinário ou excêntrico;
3. tenham sido publicados no ano de 2017 (ano de realização dessa pesquisa);
4. trata-se da rotina de cidadãos comuns, apresentando a realidade em que eles se inserem;

Nesse percurso, foram selecionados os seguintes textos para análise neste trabalho:

- Coração na mão, de Eduardo Heck de Sá (setembro de 2017)
- Aterrissagem forçada, de Bernardo Esteves (setembro de 2017)
- Ilhados na Rocinha, de Tiago Coelho (outubro de 2017)
- O síndico versus pintado, de Paula Scarpin (outubro de 2017)
- O operário, de Ricardo Lessa (outubro de 2017)

Por fim, como itens principais a serem considerados nesta análise de verificação amostral da polifonia e de como o autor liga as pontas com esse artifício, foram estipulados os seguintes critérios:

- a) Escolha da personagem: quais são as características principais atribuídas à personagem e qual o seu papel na narrativa;
- b) Fontes do texto: quais e quantas foram as fontes agregadas para contar a história da personagem perfilada;
- c) O jornalista no texto: como se dá a participação do autor na atribuição das características a personagem;
- d) Elementos do discurso: há adjetivos e advérbios utilizados que mencionam ou identificam a personagem;
- e) O miniperfil: quais as diferenças das características que encontramos no miniperfil e que normalmente não vemos no perfil tradicional;

6. ANÁLISE DA POLIFONIA NA NARRATIVA

A análise do material escolhido está organizada em tópicos, um para cada texto que foi selecionado como um objeto desta pesquisa. Em cada tópico, a análise passa pelos critérios esboçados na metodologia para assim, encontrar uma resposta do problema, que é compreender a utilização de diversas vozes em um texto de Jornalismo Literário e como isso contribui para a relevância das informações do material.

Os cinco textos encontrados aqui foram publicados pela revista Piauí nos meses de setembro e outubro, meses escolhidos aleatoriamente no segundo semestre de 2017, período de realização da pesquisa, na coluna *Esquinas* da publicação.

6.1 Coração na mão, de Eduardo Heck de Sá (setembro de 2017)

O primeiro texto observado se dedica a contar a história do nascimento de um projeto de aulas de crochê na comunidade da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Ao abordar o projeto e ao mesmo tempo, contar sobre a realidade do ambiente que os cercava, o autor escolheu uma personagem principal: o professor Fábio Dias dos Santos e a sua experiência como morador da comunidade.

a) Escolha da personagem

O que legitima a escolha de Fábio como uma personagem principal e interessante não é o gosto pela atividade do crochê, mas ele em sua totalidade é uma quebra de expectativas. A Cidade de Deus é conhecida pela sua realidade conflituosa e pela criminalidade exposta, não somente por notícias, mas também em obras literárias e cinematográficas, como o filme e no livro “Cidade de Deus”. Então, no meio desse cenário, aparece Fábio, uma pessoa que oferece uma rota de tranquilidade para seus alunos, como se quando eles estavam na aula, eles fossem transportados para outro ambiente.

Na narrativa, Fábio é justamente uma figura de contraponto à realidade da comunidade e da sociedade como um todo. Ele, além de ser uma fonte e principal elemento no que é contado no texto, é na sua descrição um ponto fora

da curva. No trecho *“No caminho até a escola, contudo, nos ônibus, passageiros já haviam desencostado discretamente a perna do vizinho que fazia crochê. Outros riam nervosamente”* mostra uma das quebras que Fábio faz, ao ter como *hobbie* uma atividade que é mais comum vermos mulheres dedicadas a isso. Ele poderia ser personificado como alguém transgressor simplesmente por fazer o que ele gosta e como isso é fonte de inspiração para seus alunos.

b) Fontes do texto

Tendo em vista que as fontes para os acontecimentos que são narrados no texto, como o confronto entre policiais e traficantes e o tiroteio, que aconteceu cinco dias depois da primeira visita do jornalista à comunidade, deixou 10 pessoas baleadas, eram os funcionários da escola. O jornalista se dedica a contar histórias da realidade da Cidade de Deus para chegar aos fatos, a realidade em si, como a rotina de alunos e profissionais da educação que se dividem entre dificuldades e ainda ser uma das poucas escolas que oferecem ensino integral em toda a cidade do Rio de Janeiro.

Por exemplo, no trecho abaixo, temos a diretora da escola, Nurimar de Oliveira pedindo para o jornalista se retirar por uma situação de emergência. A informação sobre o conflito surgiu de Nurimar, o ponto de partida foi ela, portanto ela foi uma fonte importante para o fato colocado no texto.

A voz de Nurimar de Oliveira, uma mulher negra simpática de 59 anos, era sem dúvida a de uma severa e protetora diretora de escola quando me deu a ordem: **“Eduardo, você tem que ir embora agora.”** **Soube depois que naquela manhã, antes do início das aulas, um traficante havia morrido durante um confronto com a polícia.** Àquela altura, pouco antes do almoço, circulava a informação de que o tráfico iria protestar a baixa do seu soldado.

c) O jornalista no texto

O autor é um observador neste texto, outro traço que se distingue do perfil tradicional. Ao se tratar do professor e a sua turma, o jornalista coloca a realidade da Cidade de Deus, como no trecho:

Fábio dos Santos estava me explicando tudo isso (sua história) na sala dos professores, numa manhã de julho, quando alguma coisa, que de imediato eu não soube entender, aconteceu. [...] **Soube depois que naquela manhã, antes do início das aulas, um traficante havia morrido durante um confronto com a polícia.** Àquela altura, pouco

antes do almoço, circulava a informação de que o tráfico iria protestar a baixa do seu soldado.

O jornalista ao usar a primeira pessoa, se coloca na narrativa, expõe que a narrativa é a partir do seu ponto de vista. Outro caso é logo no final do texto, em:

Cinco dias depois recebi a notícia de que as aulas de todas as dezessete escolas da Cidade de Deus estavam suspensas. Os moradores tinham sido acordados por trocas de tiros na madrugada [...] **o professor Fábio dos Santos me disse temer que uma das vítimas tivesse estudado na Alberto Rangel.** Minutos depois, voltou a dar notícias. “Não era nosso ex-aluno”

Aqui, Fábio é a fonte de informações, pelo contato e relação que ele estabelece com o jornalista desde o início do texto, cede além da sua história pessoal, ele revela sobre a realidade da sua comunidade.

d) Elementos do discurso

O uso de advérbios é um elemento para direcionar a história para o ambiente da comunidade. Nos trechos “*Ali são servidas três refeições por dia*” e “*Um homem se dedicando àquela atividade não parecia provocar estranhamento entre eles*”, os advérbios de lugar e negação, respectivamente, foram usados para contar sobre a rotina da escola e também de reações corriqueiras das pessoas da comunidade que saem do senso comum.

Adjetivos também são vistos pelo decorrer do texto. Primeiramente, para destacar os contrastes. Para descrever Fábio, o autor usa: “*Tem 46 anos. É um homem forte, negro, de fala articulada e suave*”. Já para descrever uma das salas de aula da escola, ele escreveu “*as janelas do 3º andar foram vedadas com tijolos e cimento. Estudantes, funcionários e docentes dizem que elas foram “blindadas”*”.

Essa oposição entre o funcionário da escola de voz suave que trabalha em salas blindadas dá o tom do que pode ser visto na comunidade. Já em outro exemplo do uso dos adjetivos, aqui eles foram usados para evidenciar semelhanças, foi entre os alunos do professor Fábio e os jovens que não participavam das mesmas atividades. Veja como ele descreve um dos alunos da turma em:

“*Maycon Costa, de 12 anos, era o aluno mais agitado e carismático. [...] Alto, magro, com jaqueta esportiva e brinco de brilhante na*

orelha [...] Parecia gostar de ser o centro das atenções e ria com malandragem”.

Outro exemplo é no trecho abaixo, onde ele o jornalista utiliza os adjetivos para encontrar semelhanças, como na descrição de dois adolescentes, um aluno de Fábio e o outro está envolvido com a criminalidade:

Mais tarde, ao deixar a escola, passei por **um rapaz que talvez não fosse muito mais velho do que Maycon. Portava o que parecia ser uma metralhadora, pendurada ao ombro.** Encostado num balcão, comia com calma um copo de açaí, **a polpa roxa coberta por jujubas e leite em pó.**

Os dois possuem imagens aqui contrastadas pela diferença dos caminhos. O impacto maior é que a juventude ainda é presente nos meninos, de maneira igual. Seja em querer ser o melhor da turma para impressionar o professor ou em poder tomar um copo de açaí com jujubas, cheio de açúcar. Ainda se trata de crianças e a sua inocência sendo roubada.

f) O miniperfil

O texto passa essa natureza complementar que o miniperfil possui. Vilas Boas (2003) em seu livro sobre perfis tradicionais, já menciona o uso da memória como elemento para enriquecer as informações presentes em um perfil tradicional. Porém, o miniperfil, por ser mais curto, conta com a ajuda de fatos mesclados ao subjetivo dos relatos de lembranças. No trecho que o autor nos apresenta o lugar que vamos conhecer no seu texto, ele o apresenta com fatos:

A Escola Municipal Alberto Rangel fica dentro da Cidade de Deus, a renomada favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro. **Faz parte de um grupo reduzido de cerca de 100 unidades de ensino, em toda a cidade, capaz de oferecer educação em tempo integral [...]**

O material trata a polifonia neste texto em entrelinhas. O texto vem para falar sobre a realidade em uma das comunidades mais conhecidas no Rio de Janeiro e esbarra em mundo que é um elemento dessa rotina, mas é surpreendente em todos os seus detalhes. Um professor homem que quebra padrões de gênero e dá aulas de crochê. Traficantes são recolocados da posição humana que lhe foi roubada. Uma realidade palpável é descrita, além da

violência que já é vista em noticiários factuais, para um público leitor que nem sequer deve ter chegado perto de uma comunidade carioca.

6.2 Aterrissagem forçada, de Bernardo Esteves (setembro de 2017)

O texto aborda dificuldades que profissionais da área científica e tecnológica passam no Brasil para pesquisar. O caminho para isso é trazer um personagem principal incomum para textos jornalísticos, especialmente os que tratam de utilizar uma linguagem literária: um objeto, neste caso específico, um computador, que é um símbolo da falta de investimento na área de pesquisa em tecnologia no Brasil. Pela falta de investimento, ele pode parar de funcionar. Como o avanço tecnológico, se ninguém reconhece a importância dele, ele some.

a) *Escolha da personagem*

O computador Santos Dumont, que recebeu o nome em homenagem ao primeiro homem que conseguiu voar em um avião, tem esse elemento explorado, como na sua forma, que se parece com o chapéu do aviador. Mas no título, “*Aterrissagem forçada*”, é onde este paralelo se envolve com o tema do texto. A relação entre o termo da aviação para falar sobre um pouso não planejado é relacionado com o corte de gastos em pesquisa que acaba encerrando os trabalhos antes de eles serem concluídos.

Em outro trecho da narrativa, ao falar sobre o formato que o aparelho possui e a cidade onde o laboratório se encontra, Petrópolis, a analogia é retomada novamente em:

Vista de longe, a cobertura metálica que o protege tem a aparência familiar de **um grande chapéu amarelo: é o adereço distintivo do inventor Alberto Santos Dumont**, que viveu na cidade – e que dá nome à máquina.

Esse constante diálogo da figura histórica com o computador é um elemento chave de condução da narrativa, pois, além das semelhanças óbvias que juntam os dois, Dumont é uma figura conhecida pela sua invenção e como ela revolucionou o mundo. Pesquisadores de tecnologia estão em uma posição

igualmente revolucionária de mudar o rumo da sociedade com seus avanços atualmente, mas sem o investimento adequado, muitos acabam sem poder ver o potencial de suas pesquisas, sem o devido reconhecimento.

b) Fontes do texto

Diferentemente do primeiro texto, esse conta com fontes oficiais, tomando uma forma mais tradicional ao elencar definidores primários no texto. O jornalista aqui consultou especialistas e órgãos oficiais para conseguir suas informações, deixando um pouco de lado o formato padrão que vemos no Jornalismo Literário. Isso pode ser justificado por se tratar de um miniperfil de um objeto e não de uma pessoa. Podemos ver esse comportamento nos trechos:

Gadelha contou que há cerca de setenta projetos em execução – incluindo a busca de medicamentos e vacinas contra dengue e zika e o desenvolvimento de novos materiais para a geração de energia renovável, mas também estudos sobre a evolução das galáxias ou a circulação das águas oceânicas”

O uso de informações para assessoria de imprensa, algo mais tradicional do jornalismo factual, aparece aqui como uma forma completar as informações sobre o computador e sua situação com a falta de investimento:

A um pedido de entrevista, **o MCTIC respondeu com uma nota afirmando que o ministério está dando prioridade a seus institutos de pesquisa e atuando para liberar mais recursos para a ciência junto aos ministérios da Fazenda e do Planejamento.**

Porém, Antônio Gadelha, que é o diretor do laboratório onde fica o Santos Dumond, aqui sai da sua posição de especialista neste ponto do texto e vira uma personagem coadjuvante. Como o problema que é retratado pelo texto, a falta de investimento nas áreas de pesquisa em tecnologia, Gadelha aparece no texto como de um testemunho do problema e não apenas para explicar sobre as pesquisas feitas em cima do computador. Isso pode ser verificado no trecho

O diretor explicou que só a conta de luz fica na casa de 400 mil reais por mês, sem contar o suporte das máquinas e as despesas administrativas. Gadelha colocou os custos de operação do LNCC na ponta do lápis e constatou que a conta não fecha. **“Se não houver a complementação do orçamento vamos ter que desligar ou reduzir dramaticamente o uso do supercomputador a partir de setembro”, disse”.**

Aqui, a polifonia aparece na relação de poucos relatos e mais dados. Por ter fontes mais tradicionais, que são mais comuns de serem vistas em matérias factuais, é difícil ver essa dinâmica em textos literários, é mais visto o contrário, mais relatos com pontos factuais. É definitivamente informativo, porém não tanto pelos relatos e sim pelos fatos.

c) O jornalista no texto

O repórter desde texto assume uma posição clássica que vemos em matérias factuais, não aparecendo de fato, nem assumindo seu papel como observador em momento nenhum do texto, nem mesmo com o nome da redação, como foi feito em outros textos. Vemos os traços tipicamente jornalísticos, como colocar todas as informações na voz do entrevistado, no trecho:

Gadelha explicou que vários componentes podem se deteriorar se ele não estiver funcionando. **Lembrou ainda que seria um contrassenso deixar parada uma máquina cara que rapidamente vai se tornar obsoleta. “É como deixar um automóvel de luxo na garagem tomando maresia”, comparou.**

Apenas em momentos sutis, ele participa do texto, sem primeira pessoa, apenas com uma impressão descritiva, como no trecho *“Vista de longe, a cobertura metálica que o protege tem a aparência familiar de um grande chapéu amarelo: é o adereço distintivo do inventor Alberto Santos Dumont, que viveu na cidade – e que dá nome à máquina”*.

d) Elementos do discurso

Um dos poucos traços de literários deste texto fica na linguagem, mas ainda aparecendo de forma pontual. Advérbios e adjetivos são escassos, com poucas ocorrências pelo texto. Vemos este ponto especialmente no trecho:

Numa tarde de agosto, o engenheiro eletricista Augusto Cesar Gadelha Vieira, **um homem grisalho de 69 anos com os cabelos partidos de lado**, disse que a capacidade de processamento do Santos Dumont é de 1,1 petaflop/s, o que significa que ele é capaz de fazer um quadrilhão de operações matemáticas por segundo”.

e) O miniperfil

Neste texto, mais do que no anterior, podemos observar o que Sodré e Ferrari (1986) colocam como a função do miniperfil: ele é complementar. Ele preenche os fatos, que são o que mais chama a atenção nesta narrativa. O trabalho feito com esse texto foi justamente essa mescla, em um texto só, de um miniperfil com um texto factual. Ao mesmo tempo que vemos elementos literários, vemos a apuração jornalística tradicional.

O exemplo pode ser mostrado neste trecho, onde o jornalista sai de um momento literário direto para uma estrutura objetiva:

De cenho franzido, Augusto Gadelha estava preocupado com o futuro do Santos Dumont. O diretor não sabe se o LNCC terá dinheiro em caixa para garantir seu funcionamento até o fim do ano. O laboratório, bem como outros centros de pesquisa vinculados ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – ou MCTIC –, foi pego de surpresa quando **a verba prevista para a pasta no orçamento de 2017 foi reduzida em 44%, no âmbito de um corte de despesas de 42 bilhões de reais pelo governo federal.**

Essa junção é essencial para determinar a diferença do miniperfil para as outras modalidades de texto jornalístico que dá um enfoque em uma personagem: o casamento do subjetivo com o objetivo.

6.3 Ilhados na Rocinha, de Tiago Coelho (outubro de 2017)

O texto tem o foco social no caos da vida de pessoas que moram na comunidade da Rocinha, no estado do Rio de Janeiro. Retratando a violência nas comunidades, especialmente nos atos que aconteceram durante o mês de setembro na Rocinha, o jornalista procura o olhar de dentro, do morador, de como as suas vidas são completamente modificadas por este conflito. Outra questão é a crise Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), vítima de uma crise financeira grave com pagamentos atrasados para seus funcionários e professores.

a) Escolha da personagem

Uma das personagens principais aqui é a professora e vestibulanda Brena Carvalho. O tiroteio interferiu na sua questão acadêmica. Ela não pôde fazer a

segunda prova do vestibular para ingressar na Uerj, já que a instituição oferece duas oportunidades para fazer as provas e o aluno pode então, escolher a maior nota. A outra personagem, que não se identifica, não tinha feito a primeira prova e não pode fazer a segunda pelo tiroteio, então perdeu sua oportunidade para ingressar na universidade.

A escolha da história dessas pessoas é o ponto central da narrativa, ela liga todos os problemas. Mostra a magnitude da distância entre classes sociais é um problema no Brasil. A relação entre a educação e a violência é amplamente discutida e o texto ao narrar o que acontece no dia a dia das pessoas que não somente sentem o efeito do tráfico, eles têm que encará-lo de frente, reflete a realidade e as dificuldades das pessoas que vivem nas comunidades do Rio de Janeiro. Uma dessas dificuldades, como o tráfico se torna mais um obstáculo para alcançar os seus objetivos, pode ser visto no trecho:

“Às sete da manhã, ela ainda tinha esperança de conseguir sair para fazer o exame, que começaria às nove. “Se as coisas acalmarem vai dar tempo”, repetia para si mesma. **Às oito e meia, quando os tiros ainda cruzavam o céu, ela jogou a toalha e desabou a chorar de revolta. “O rico que mora do lado da minha casa, que já teve mais oportunidade nos estudos, conseguiu chegar, e eu, não”.**

Para a outra personagem que não é identificada, até mesmo para a própria apuração do texto, é colocado novamente a realidade social.

“Naquela tarde, policiais e soldados do Exército revistavam carros e motocicletas que subiam e desciam o morro. Helicópteros davam rasantes sobre a mata que circunda a comunidade em busca de traficantes. **Vinte minutos após o horário combinado, o vestibulando mandou uma mensagem cancelando o encontro. Como sua mãe não estava em casa, ele não poderia sair. “Não posso deixar minha irmã sozinha”, justificou-se. “A situação está instável”.**

b) Fontes do texto

As fontes principais deste texto são as personagens. Aqui, temos um exemplo que segue os preceitos do jornalismo literário. Apesar de utilizar elementos factuais, as informações mais interessantes e novas vem do ponto de vista das personagens. Como o morador de uma comunidade lida com a violência, como ele tenta escapar dela, como ele pode fugir quando parece que

todos estão jogando contra você. O texto se dispõe a responder essas perguntas com os relatos.

Neste trecho a seguir, vemos Brenda tendo que lidar com a expectativa para a prova se encontrar com a realidade do tiroteio: *“Me preparei o ano inteiro”, disse ela à Piauí dias depois. Pouco antes de sair, a jovem ouviu uma rajada intensa de tiros na vizinhança. Pensou consigo mesma: “Não acredito, justo hoje!”.*

c) O jornalista no texto

Seguindo a tendência vista no primeiro texto, o jornalista aqui é um observador, que se apresenta no texto, mas não participa. Ele surgiu na terceira pessoa e com o nome da redação para identificá-lo nas conversas com as personagens.

Podemos vê-lo em trechos como *“O rapaz – que preferiu não se identificar – marcou um encontro com a Piauí no domingo seguinte ao da prova numa das ruas mais movimentadas da Rocinha”.*

d) Elementos do discurso

O advérbio principal que vemos neste texto é o de negação, de como situações externas são barreiras enormes para as pessoas que vivem em comunidades. Podemos ver a negação no trecho *“Como não tinha dinheiro para fazer as duas provas – a taxa de inscrição é de 60 reais –, decidiu encarar apenas a de setembro”.*

Com o suporte deste elemento textual, podemos compreender como o tráfico impede, não somente quem está envolvido com ele, mas todas as pessoas que lidam de alguma forma com essa realidade de poder crescer, de ter mais oportunidades.

Em relação a adjetivos, pouco foi usado para descrever algo de físico. Aqui, as características que se destacam são as emoções, como no trecho *“Em pouco tempo, seus familiares estavam de pé, preocupados com os tiros e com a aflição da moça”.*

e) O miniperfil

Novamente, o maior traço de que estamos em frente ao miniperfil é a mescla de uso de informações factuais com relatos subjetivos de uma narrativa literária, de uma forma resumida. A polifonia é marcada aqui por essa interação, do relato das rotinas das personagens com informações factuais, como a crise financeira da Uerj e a situação da crise de segurança na Rocinha. Isso pode ser exemplificado pelo trecho:

A primeira fase do vestibular da Uerj é oferecida em duas datas distintas – os candidatos que fizerem ambas as provas podem optar pela maior nota. Como Brena Carvalho havia feito o primeiro teste em julho, sua ausência no exame de setembro não a eliminará do processo seletivo.

6.4 O síndico versus pintado, de Paula Scarpin (outubro de 2017)

Para esta narrativa, é relatada uma história sobre um prédio edifício-garagem abandonado, desde os anos 80, em pleno Rio de Janeiro, e como dois pontos da sociedade completamente diferentes, principalmente em questões sociais. Justamente sobre esse abismo social que é esse texto. Esses dois pontos são representados aqui pelas duas personagens, um síndico e funcionário público e um engraxate em situação de rua, que são escolhidas como principais.

a) Escolha da personagem

As duas personagens, como já foi citado anteriormente, representam dois mundos que tem um grande abismo. Um, é o síndico do prédio vizinho Evandro Álvares, que se mudou para o bairro e para o edifício em 1975, funcionário público, tem uma vida confortável. O outro, Anatólio Pinto da Silva, o Pintado, que é um morador de rua, mais especialmente na calçada do prédio abandonado, é engraxate e “artista” que se dedica a enfeitar os muros e tapumes que cobrem o prédio abandonado.

O embate entre os dois é o fio da narrativa. É mais do que uma briga pessoal, é uma briga social, é entre duas classes sociais. É sobre Álvares não querer encarar um problema que está ali na sua frente, a falta de oportunidades

e as condições que Pintado enfrenta com morador em situação de rua. Podemos ver esse conflito no trecho do texto:

Depois de reiteradas reclamações de Álvares e outros moradores, a reintegração de posse foi concedida, e o prédio, lacrado por fora. Um dos ocupantes, porém, manteve o endereço. **Anatólio Pinto da Silva, de 72 anos, passou a viver na calçada em frente ao ex-futuro edifício-garagem. “Ele se apossou completamente do espaço público”, protestou o síndico vizinho.**

A raiz do problema entre as duas personagens, uma pessoa que é considerada que “não deveria estar ali” que insiste em ser um transgressor, insiste em ficar nesse lugar, de ser um problema para a vida desde síndico. O Pintado é como o edifício-garagem, ele foi esquecido e a sua imagem é a representação desse esquecimento, por isso, incomoda.

b) Fontes do texto

Neste texto, as informações são colocadas pelas próprias personagens. Como uma das personagens é um síndico de um prédio, ele possui informações de órgãos oficiais, como a Defesa Civil, então acaba por ser, em alguns pontos do texto, uma voz de fonte oficial. Isso pode ser visto no trecho:

Em 2012, quando um prédio ruiu na Cinelândia, no Centro da cidade, **Evandro Álvares começou a pressionar a prefeitura e a Defesa Civil para darem uma solução ao prédio abandonado na Miguel Lemos. “Eles vêm, olham de fora, dizem que o prédio está sólido, e que edifícios-garagem são projetados para sustentar muito peso”, disse.** Mas frisou que o prédio tem dois andares subterrâneos que sempre inundam. “Imagina como está essa estrutura”.

Evandro Álvares, aqui como personagem apenas, e Pintado são as principais fontes nesse texto. A partir da realidade que eles colocam, tanto como administrador do prédio como de morador de rua. Isso pode ser visto em muitos trechos. Por exemplo, nesta passagem, podemos ver o ponto de vista de Pintado:

O bom humor de Pintado desaparece ao falar de Evandro Álvares. **Segundo ele, o síndico já levou a guarda municipal para recolhê-lo várias vezes, sem sucesso.** “Eu sou bom com as palavras, né? Falei que, pra me tirar, vão ter que recuar de volta todas essas grades de prédios que avançam na calçada e recolher essas mesinhas de botequim”, contou. **“Por que só eu não posso?”**

c) O jornalista no texto

A repórter, como aconteceu no texto anterior, aparece como uma observadora, aparecendo apenas com o nome da revista, sem primeiras pessoas, o subjetivo fica nas entrelinhas. Vemos a jornalista em pontos como no trecho “Para um olhar leigo, o prédio abandonado tem aparência firme e não oferece risco. Uma ou outra rachadura no revestimento, apontadas pelo síndico, não têm ar muito ameaçador”. Neste outro trecho, de maneira sutil, a jornalista participa em intervenções como:

De fato, como o edifício abandonado é o único da rua a não ter avançado sobre um naco de espaço público, **a área que Pintado tomou para si parece se encaixar perfeitamente no limite da calçada disponível para os pedestres.**

d) Elementos do discurso

Para esta narrativa, o uso de advérbio de lugar aparece para ressaltar a questão da diferença entre a localização do edifício-garagem do prédio que Álvares. No exemplo do uso de lugar, vemos no trecho

Dentre os transtornos mais corriqueiros que o prédio abandonado lhe causou nos últimos quarenta anos estão os ratos e baratas que invadem o edifício vizinho. Além disso, **pode haver ali focos de proliferação do Aedes aegypti**, solenemente ignorados pelos agentes de saúde que vêm fiscalizar o número 74. **“O mosquitinho vai ficar só lá dentro?”**, questionou Álvares. **“Ele vem pra cá!**

Já em adjetivos, vemos eles como um recurso para caracterizar o edifício-garagem em relação a rua do que para reconhecer as personagens, para ser um contraponto do que o síndico fala do problema. Como no trecho

Hoje, o pedestre que não olhar para cima ao passar pela calçada para da Miguel Lemos pode nem se dar conta do prédio abandonado. Do nível da rua, a fachada parece bem cuidada. **O muro, pintado com desenhos coloridos, pode ser confundido com uma creche – e não dá a dimensão do pesadelo narrado por Álvares.**

e) O miniperfil

Este texto guarda mais características do perfil tradicional, com mais elementos literários. Temos a presença de pontos com informações factuais, mas elas passaram pela figura de Álvares, por ser o síndico do prédio, ele tem as informações que órgãos passam para ele sobre o problema do edifício-garagem. A polifonia que vemos neste texto é vista entre as personagens que

participam nesta narrativa, mas um deles que se comporta em momentos como “uma fonte oficial”.

Podemos chegar a essa observação pelos trechos em que as personagens falam sobre o possível desabamento do edifício-garagem, onde temos a fala de Álvares em contraponto com a de Pintado:

Eles vêm, olham de fora, dizem que o prédio está sólido, e que edifícios-garagem são projetados para sustentar muito peso”, disse. Mas frisou que o prédio tem dois andares subterrâneos que sempre inundam. **“Imagina como está essa estrutura”** e Pintado coloca, sobre o mesmo tema **“De uns tempos pra cá, ele deu pra dizer que o prédio corre risco de desabar”**, disse. **“Tudo pra me tirar daqui”**.

6.5 O operário, de Ricardo Lessa (outubro de 2017)

Para encerrar, temos o texto que discute a história de um ex-guerrilheiro do período militar, da sua trajetória antes e depois da ditadura. Seguindo a tendência mais próxima ao Jornalismo Literário, o texto segue a história da personagem, claro que com o enfoque maior nos fatos decorrentes na época da ditadura, mas explora mais o contexto, pontos da sua vida que o fizeram chegar à atualidade.

a) Escolha da personagem

O hoje empresário Jesus Paredes Soto, quando ainda era um operário, participou do movimento sindicalista, uma das resistências mais fortes ao governo militar, é escolhido para representar este grupo. Ele é uma figura que representa todas as outras que passaram pela realidade de serem perseguidos pelos militares. Vemos essa questão ao jornalista comparar guerrilheiros famosos a Jesus, que conviveram e compartilharam de pontos em comum em sua história, como no trecho

Em abril de 1974, nos anos de chumbo, o operário Jesus Paredes Soto estava encarcerado no DOI-Codi da rua Tutoia, em São Paulo. Lá, os presos eram despertados com cinco metódicas pancadas de cassetete nos rins. “Comunista tem que mijar e cagar sangue”, rugia Pedro Antônio Mira Grancieri, o Pedro Marinheiro, também conhecido como “Capitão Ramiro”, um dos assassinos de Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho.

b) Fontes do texto

Até pela natureza de denúncia que este texto possui, ele não possui fontes oficiais, somente os registros de fatos que foram veiculados em jornais e como eles aparecem no ponto de vista que quem vive na pele aquela determinada situação.

Este ponto fica claro no trecho:

No dia 18 de julho, uma dúzia de militantes tomou de assalto uma casa em Santa Teresa. Era onde morava Ana Capriglione, amante do ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros, que a tratava por “dr. Rui” quando se falavam ao telefone. [...] **Desconhecendo técnicas de arrombamento, os companheiros recorreram ao rapaz – familiarizado com maçaricos e martelos, ele saberia como agir. Mas Soto não sabia. Empenhado na causa, porém, passou a noite matutando”.**

c) O jornalista no texto

O jornalista aqui surge como um elemento de contextualização na narrativa. Ele media o passado e o presente, o relato e os fatos, ele os confronta para chegar a uma nova informação em uma história que tem mais de vinte anos que aconteceu.

No trecho abaixo, vemos como o jornalista coloca o relato de Jesus, o problema em questão que o impedia de participar do sindicato de metalúrgicos e qual foi a solução para esse problema, que aconteceu posteriormente à procura de Jesus ao grupo.

Ao sair da cadeia, em 1979, Soto fez a autocrítica: “A via que escolhemos não tinha como dar certo. Só haveria mudança junto com as massas de trabalhadores. “ Ele procurou na época os metalúrgicos de São Bernardo, onde as coisas começavam a fervilhar. **Mas ele e outros militantes não podiam entrar no sindicato, à época presidido por Lula, por não exercerem o ofício – problema resolvido quando alguns artistas emprestaram dinheiro para a aquisição de uma mecânica em São Bernardo.**

d) Elementos do discurso

O uso de advérbios de tempo é essencial para diferenciar os períodos temporais nos quais ocorreram os fatos e acontecimentos da narrativa. Podemos ver um exemplo deste objetivo nos trechos “*Soto hoje é um senhor entre tantos da Zona Sul carioca*” e no “*O operário, porém, só saberia disso anos depois, já no presídio político do Barro Branco*”.

Já de adjetivos, é o contrário. Como é um relato cru de memórias, pois a informação do texto mora neste ponto, o uso de desse recurso aparece em muitas ocasiões para passar ao leitor, o clima do que a personagem passou na prisão. Descrição de lugares, sentimentos e pessoas com o uso de adjetivos te coloca dentro a cena, recurso usado na linguagem literária. Um exemplo dessa ocorrência no texto é no trecho a seguir, onde há uma descrição detalhada, com o uso dos adjetivos, da cena que Jesus viveu no passado.

O cofre pesadíssimo foi retirado da casa graças a um sistema de pranchas que cobriam a escadaria, engenhoca inventada por Soto, e transportado até uma casinha preparada para parecer uma gráfica de subúrbio.

e) O miniperfil

Como foi analisado anteriormente, aqui, um dos grandes traços do miniperfil é ele ser complementar a notícias que já foram publicadas como factuais, como podemos visitar em Sodré e Ferrari (1986) onde explicam o que é o miniperfil. Este texto é um caso claro desta função, ele ao ter o relato de uma personagem que viveu todo aquele período junto as notícias factuais da época, é criado um contexto que complementa a visão do autor sobre o que ele já tinha visto previamente em manchetes de jornais.

Neste trecho, Jesus explica que depois do arrombamento do cofre que o tornou procurado pela justiça, que cria um contexto para um fato histórico que aconteceu logo depois:

“A partir dessa operação, Soto passou a ser buscado pela polícia, com sua foto afixada em locais públicos (o que não o impediu de, no ano seguinte, participar do sequestro de um embaixador). Mas Soto não admite ser chamado de terrorista. “Somos humanistas”, protesta com voz calma e gestos contidos”.

A polifonia aqui colabora na complementação das noticiais que saíram na época do período militar. Isto é feito com o que é contado por Jesus, sobre a sua história como guerrilheiro. A interação entre o factual e o literário é um ingrediente chave para a informação que é construída no texto. Ela responde perguntas e fecha portas que estavam, até o momento, abertas.

CONCLUSÃO

O que podemos entender a partir da análise feita dos textos é que a polifonia nasce a partir da interação da informação factual com o relato pessoal das personagens retratadas. Apesar da natureza complementar de um miniperfil, de sempre ser um adendo para uma matéria sobre um tema maior, ele aparece aqui com uma nova função e aparência: de ser complementar, mas sem depender do *timing* da notícia, com detalhes subjetivos que enriquecem o relato e conseguem se sustentar sozinhos, sem a necessidade de uma introdução factual.

Em todos os textos que foram analisados, foi visto em comum esta estrutura de combinação do fato com a história, o que constrói o novo tipo de informação que é necessária para preencher as perguntas que ficam sobre o tema. A polifonia é uma ferramenta muito boa para organizar as informações e passar novos contextos sobre uma notícia.

O uso da linguagem literária também é essencial para chegarmos a este resultado. Com a retórica literária, que é a cola que junta todas as informações em um texto só, o leitor é cativado a conferir o texto até o final e, pela estrutura de história, de relato, a organização das informações é feita de uma forma fluida, seguindo o contar da história de maneira explicativa e contextual.

A narração aqui é o resultado de uma linguagem mais literária. Para construir um relato que faça sentido utilizando um ponto de vista mais subjetivo, o uso do olhar do jornalista é o que dita o formato que a história é colocada para o leitor, até na interpretação de fatos que são colocados no texto.

Em relação ao miniperfil, a estrutura é semelhante em todos os casos, onde temos um tema de interesse público e a escolha de uma personagem que está inserida neste contexto – a polifonia de vozes na produção textual. Compreendemos com este trabalho é que ela existe a partir da interação dos fatos com as histórias: todos contam com pelo menos um elemento factual e de relato em sua estrutura, seguindo o que Sodré e Ferrari (1986) colocaram sobre o miniperfil anteriormente.

Mas, o que a coluna propõe é a estrutura em um outro contexto. O principal aqui é a informa o aliada com personagens que enriquecem o relato, mas aqui, o tema construído pode complementar um fato de interesse público

que não necessariamente é notícia no momento. Bolsas de estudo para a pesquisa científica brasileira, problemas de infraestrutura nas cidades, as consequências dos governos militares e a educação nas comunidades não precisam de um acontecimento extraordinário para serem pauta e suas personagens não precisam ser pessoas públicas para terem suas vozes ouvidas.

Para terminar, a conclusão que chegamos ao finalizar esta pesquisa é que o miniperfil é uma modalidade textual extremamente informativa e atrativa para o público em geral. Pelas suas características técnicas, de discurso ou pelo contexto, pela sua forma de narração, ele constrói para o leitor uma ideia de contexto bem explorada, mas não tão extensa quanto os modelos que vemos normalmente no Jornalismo Literário em geral.

Ele mescla as qualidades que tanto o factual como o literário tem para oferecer ao público e por isso, pode ser uma grande opção para veículos usarem essa modalidade, como a Revista Piauí tem investido em seu material como um todo: no encontro do subjetivo com o objetivo, sendo usados não como antagonistas, mas como parceiros para um jornalismo de qualidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. 1º Edição. Porto Alegre: Ed. Sagra-Luzzatto, 1996.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6º Edição. São Paulo: Ed. Atlas, 2012.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 7º Edição. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 3º Edição. Barueri, SP: Ed. Manole, 2004

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4º Edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

MELO, José Marques de. *História social da imprensa*. 2º Edição. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2003

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística*. 5º Edição. Brasília: Casa das Musas, 2005.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

ROSSI, Michelle; RAMIRES, Mário Marques. *A Imparcialidade como Conceito de Qualidade Jornalística*. Disponível em <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/4/7.pdf>>. Acesso em 06 de outubro de 2017.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 14º Edição. São Paulo: Ed. Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio. *Perfis e como escrevê-los*. 69º Edição. São Paulo: Ed. Summus, 2003.

WOLF, Mauro. *Teoria das comunicações de massa*. 3º Edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

CORAÇÃO NA MÃO

Aulas de crochê na CDD

EDUARDO HECK DE SÁ

A Escola Municipal Alberto Rangel fica dentro da Cidade de Deus, a renomada favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Faz parte de um grupo reduzido de cerca de 100 unidades de ensino, em toda a cidade, capaz de oferecer educação em tempo integral, com sete horas diárias de aula, para crianças e adolescentes na etapa final do ensino fundamental, entre o 7º e o 9º ano.

Ali são servidas três refeições por dia. Os professores são relativamente bem pagos e trabalham em regime de dedicação exclusiva. Vista de fora, a Alberto Rangel se parece com tantos outros colégios públicos em áreas pobres do Rio. Ou quase. Desde que uma bala invadiu uma sala de aula e atingiu um aluno na nuca, em 2014, as janelas do 3º andar foram vedadas com tijolos e cimento. Estudantes, funcionários e docentes dizem que elas foram “blindadas”.

Fábio Dias dos Santos leciona inglês na escola desde 2012. Tem 46 anos. É um homem forte, negro, de fala articulada e suave. Aprendeu a falar o idioma que ensina no contato com missionários mórmons, ainda na adolescência. Da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que frequentava com a mãe, ele herdou também a preocupação de ser econômico, autossuficiente, industrioso. Aos 13 anos, pediu a uma tia que lhe ensinasse a fazer crochê – e nunca mais perdeu o hábito de tramar roupas e pulseiras nas horas vagas.

Já professor, sacava sempre que podia uma agulha comprida e um novelo de linha, e punha-se a trabalhar. No refeitório, na sala de professores, na classe antes da aula. Meninos e meninas lhe perguntavam o que era aquilo, examinando as peças. “Ah, legal”, reagem, com a brevidade críptica que adolescentes costumam devotar aos adultos. Um homem dedicando-se àquela atividade não parecia provocar estranhamento entre eles. No caminho até a escola, contudo, nos ônibus, passageiros já haviam desencostado discretamente a perna do vizinho que fazia crochê. Outros riam nervosamente.

Assim, pareceu natural a Santos dar aulas de crochê depois que a Alberto Rangel passou a fazer parte do programa Ginásio Carioca, em 2016. A iniciativa da prefeitura prevê, dentro do modelo de educação em tempo integral, a oferta de disciplinas eletivas na parte da tarde. A cada docente caberia propor e ensinar uma nova matéria, fora do currículo obrigatório. Acresce que Santos já tinha a experiência de orientar iniciantes naquela arte: ensinara crochê à sua primeira mulher.

Fábio dos Santos estava me explicando tudo isso na sala dos professores, numa manhã de julho, quando alguma coisa, que de imediato eu não soube entender, aconteceu. A diretora da escola entrou na sala apressada e lançou um olhar na direção do professor. Foi o suficiente para que ele parasse de falar. A voz de Nurimar de Oliveira, uma mulher negra simpática de 59 anos, era sem dúvida a de uma severa e protetora diretora de escola quando me deu a ordem: “Eduardo, você tem que ir embora agora.”

Soube depois que naquela manhã, antes do início das aulas, um traficante havia morrido durante um confronto com a polícia. Àquela altura, pouco antes do almoço, circulava a informação de que o tráfico iria protestar a baixa do seu soldado.

Uma semana depois, retornei à Cidade de Deus. Antes de chegar à escola, passei por três rapazes com fuzis. Conversavam, tranquilos.

De tarde, a aula. Oito meninas e quatro meninos estavam matriculados no curso. Sentaram-se em carteiras dispostas em U diante do quadro-negro, que ainda guardava da aula anterior as conjugações de verbos em inglês, escritas com giz por Santos. O professor anunciou a tarefa do dia: urdir, com agulha e linha, um coração do tamanho de um punho adulto. Ligado baixinho, um rádio FM dava à classe uma atmosfera de oficina.

Os meninos sacaram das mochilas as longas agulhas. Maycon Costa, de 12 anos, era o aluno mais agitado e carismático. Por algum tempo manteve o instrumento de trabalho enfiado em sua carapinha, como uma antena, enquanto observava a notação que o professor ia desenhando na lousa e que descrevia um ponto de crochê.

Com um cabelo ferrugem preso num rabo de cavalo comprido e roupas cor-de-rosa, Julia Monteiro, de 11 anos, manjava a agulha com destreza. O coração logo começou a se formar em suas mãos. Ela e Maycon estão entre aqueles que, por prazer, passaram a praticar o crochê em casa. Santos disse esperar que o ofício eleve a atenção, a disciplina e a coordenação dos aprendizes.

Maycon se levantou para tirar uma dúvida. Santos tomou o projeto de coração do garoto nas mãos e fez alguns ajustes, com gestos ligeiros. Em seguida explicou ao menino que o ponto da peça estava “muito apertadinho na base”. Depois de retornar para a carteira, Maycon examinou com atenção a obra inacabada. Alto, magro, com jaqueta esportiva e brinco de brilhante na orelha, o menino balançava as pernas enquanto decidia como consertar o coração de barbante. Logo anunciou que ia desfazer tudo e recomeçar. Parecia gostar de ser o centro das atenções e ria com malandragem. O professor o deixava à vontade, sem recriminar a alegria do aluno.

Mais tarde, ao deixar a escola, passei por um rapaz que talvez não fosse muito mais velho do que Maycon. Portava o que parecia ser uma metralhadora, pendurada ao ombro. Encostado num balcão, comia com calma um copo de açaí, a polpa roxa coberta por jujubas e leite em pó.

Cinco dias depois recebi a notícia de que as aulas de todas as dezessete escolas da Cidade de Deus estavam suspensas. Os moradores tinham sido acordados por trocas de tiros na madrugada, depois da incursão de uma equipe do Batalhão de Operações Policiais Especiais.

Doze pessoas haviam sido baleadas. Entre elas, uma senhora de 82 anos, Elydia Roberta de Ramos. Dois rapazes morreram. Numa mensagem pelo celular, o professor Fábio dos Santos me disse temer que uma das vítimas tivesse estudado na Alberto Rangel. Minutos depois, voltou a dar notícias. “Não era nosso ex-aluno”, ele informou na mensagem, realçando a sensação de alívio com o ícone de duas mãos em prece.

ATERRISSAGEM FORÇADA

Sem dinheiro, o melhor computador do país pode parar

BERNARDO ESTEVES

O mais potente computador do Brasil está instalado num bairro residencial de Petrópolis, na serra fluminense, à margem da BR-040. Vista de longe, a cobertura metálica que o protege tem a aparência familiar de um grande chapéu amarelo: é o adereço distintivo do inventor Alberto Santos Dumont, que viveu na cidade – e que dá nome à máquina.

O Santos Dumont parece mais com Hal, o computador de bordo da nave de 2001 – *Uma Odisseia no Espaço*, do que com um PC doméstico. É uma máquina na qual se pode entrar, com um corredor central que dá acesso a grandes compartimentos verticais protegidos por portas metálicas. Só de processadores há mais de 18 mil – um laptop caseiro costuma ter um ou dois –, dispostos sobre racks e conectados por uma profusão de fios coloridos. A memória RAM é de 53 terabytes, treze mil vezes maior que a de um computador comum.

Numa tarde de agosto, o engenheiro eletricitista Augusto Cesar Gadelha Vieira, um homem grisalho de 69 anos com os cabelos partidos de lado, disse que a capacidade de processamento do Santos Dumont é de 1,1 petaflop/s, o que significa que ele é capaz de fazer um quadrilhão de operações matemáticas por segundo. “É o primeiro computador no Brasil – e, por enquanto, o único – com essa capacidade”, afirmou Gadelha, que é diretor do LNCC, o Laboratório Nacional de Computação Científica. Tal atributo coloca o Santos Dumont entre os 500 computadores mais velozes do mundo (o número 1, na China, tem velocidade de cerca de 100 petaflop/s).

O Santos Dumont foi montado há mais de um ano, a um custo de 60 milhões de reais do governo federal. Pode ser usado por todos os cientistas brasileiros – os candidatos devem submeter projetos de pesquisa, e aqueles que tiverem suas propostas aprovadas podem usar a máquina (o acesso, remoto, pode ser feito sem a necessidade de ir a Petrópolis).

Gadelha contou que há cerca de setenta projetos em execução – incluindo a busca de medicamentos e vacinas contra dengue e zika e o desenvolvimento de novos materiais para a geração de energia renovável, mas também estudos sobre a evolução das galáxias ou a circulação das águas oceânicas. Todos eles dependem da alta capacidade de processamento do Santos Dumont. Um único projeto de modelagem de materiais realizado ali por pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos demoraria 465 anos para ser executado num laptop de última geração; no supercomputador de Petrópolis, a tarefa foi concluída em pouco menos de um mês.

De cenho franzido, Augusto Gadelha estava preocupado com o futuro do Santos Dumont. O diretor não sabe se o LNCC terá dinheiro em caixa para garantir seu funcionamento até o fim do ano. O laboratório, bem como outros centros de pesquisa vinculados ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – ou MCTIC –, foi pego de surpresa quando a verba prevista para a pasta no orçamento de 2017 foi reduzida em 44%, no âmbito de um corte de despesas de 42 bilhões de reais pelo governo federal.

“Você começa o ano com a expectativa de gastar 16 milhões e no meio do percurso descobre que só terá 9 milhões”, queixou-se Gadelha, referindo-se ao orçamento do LNCC para 2017 antes e depois do contingenciamento. O diretor explicou que só a conta de luz fica na casa de 400 mil reais por mês, sem contar o suporte das máquinas e as despesas administrativas. Gadelha colocou os custos de operação do LNCC na ponta do lápis e constatou que a conta não fecha. “Se não houver a complementação do orçamento vamos ter que desligar ou reduzir dramaticamente o uso do supercomputador a partir de setembro”, disse.

Outros institutos ligados ao MCTIC estão em situação parecida. O Inpe, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, avisou que o corte de verbas deve adiar o lançamento de satélites e pode até interromper o serviço de previsão do tempo, feito em outro supercomputador. O CBPF, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, avisou que seus recursos para este ano se esgotarão no início de setembro, e que “pagamentos essenciais ficarão impraticáveis”.

Para os pesquisadores, os sucessivos cortes de verbas destinadas à área sinalizam a falta de visão estratégica do governo federal. Na avaliação do físico Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências, é tudo uma questão de prioridade. “O argumento de que não há verba para a ciência e tecnologia morreu com os 15 bilhões de reais distribuídos recentemente no Congresso”, disse Davidovich, referindo-se aos recursos para emendas e projetos liberados pelo governo Temer a fim de livrar o presidente da denúncia por corrupção (as contas são do jornal *O Globo*).

A um pedido de entrevista, o MCTIC respondeu com uma nota afirmando que o ministério está dando prioridade a seus institutos de pesquisa e atuando para liberar mais recursos para a ciência junto aos ministérios da Fazenda e do Planejamento. Não esclareceu, porém, quais esforços estão sendo feitos e qual é a perspectiva concreta de resultados.

Na avaliação de Augusto Gadelha, setembro é o ponto de não retorno para o LNCC.

Sem um aceno concreto de que vai receber mais recursos, o diretor afirma que ao longo do mês deve começar a cancelar os contratos com as empresas que prestam serviços ao laboratório, além de interromper progressivamente o funcionamento do Santos Dumont.

Suspender as dezenas de projetos de pesquisa em curso seria apenas um dos prejuízos decorrentes do desligamento do supercomputador. Gadelha explicou que vários componentes podem se deteriorar se ele não estiver funcionando. Lembrou ainda que seria um contrassenso deixar parada uma máquina cara que rapidamente vai se tornar

obsoleta. “É como deixar um automóvel de luxo na garagem tomando maresia”, comparou.

Gadelha disse que o orçamento do LNCC para 2017 já estava no limite antes dos cortes – não previa, por exemplo, o *upgrade* anual do Santos Dumont. Acrescentou que a vigilância foi reduzida ao mínimo necessário, e que alguns banheiros estão fechados, para economizar a limpeza. “Sei que o governo precisa reduzir as despesas, mas uma redução dessas acaba matando o paciente.”

ILHADOS NA ROCINHA

Reféns do tráfico ficam sem vestibular

TIAGO COELHO

No dia 17 de setembro, Brena Carvalho programou o despertador para as seis e meia. Era cedo para um domingo, mas ela queria acordar sem sobressaltos. Assim teria tempo de sobra para ir com calma até o colégio onde faria a prova da primeira etapa do vestibular da Uerj, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sua casa, na favela da Rocinha, Zona Sul carioca, fica a 25 minutos do local da prova, próximo à Lagoa Rodrigo de Freitas.

Carvalho, uma morena de 17 anos e longos cabelos pretos, concorre a uma vaga no curso de pedagogia. Já trabalha como professora numa escola infantil da Rocinha, depois de se formar na Escola Normal em 2016. Nas semanas anteriores, ela havia feito vários simulados, e ainda estava viva em sua memória a história de Macabéa, a protagonista de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, um dos livros no programa do vestibular. “Me preparei o ano inteiro”, disse ela à piauí dias depois.

Pouco antes de sair, a jovem ouviu uma rajada intensa de tiros na vizinhança. Pensou consigo mesma: “Não acredito, justo hoje!” Em pouco tempo, seus familiares estavam de pé, preocupados com os tiros e com a aflição da moça.

O estopim para a troca de tiros foi a disputa pelo comando do tráfico de drogas na Rocinha envolvendo duas facções criminosas. A batalha opunha os aliados de Rogério 157, atual líder do narcotráfico, apoiado pelo Comando Vermelho, e os parceiros de Antônio Francisco Bonfim Lopes, o “Nem”, ex-chefe da atividade criminosa no morro, com o suporte dos Amigos dos Amigos. Do presídio de segurança máxima onde está detido desde 2011, Nem ajudou a articular a contraofensiva para retomar o controle da favela.

Com pouco menos de 145 hectares – mais de metade da área ocupada pelo bairro do Leblon –, a Rocinha é a maior favela do país e conta com 70 mil habitantes segundo as estatísticas oficiais, contestadas por lideranças comunitárias, para quem a população local passa de 100 mil pessoas. Os vestibulandos que moravam perto das principais saídas da comunidade conseguiram chegar até o local da prova. “Mas como minha casa fica no meio da Rocinha, eu não podia arriscar”, disse Carvalho.

Às sete da manhã, ela ainda tinha esperança de conseguir sair para fazer o exame, que começaria às nove. “Se as coisas acalmarem vai dar tempo”, repetia para si mesma. Às oito e meia, quando os tiros ainda cruzavam o céu, ela jogou a toalha e desabou a chorar de revolta. “O rico que mora do lado da minha casa, que já teve mais oportunidade nos estudos, conseguiu chegar, e eu, não.”

Como ela, outros doze vestibulandos da Rocinha perderam a prova. Naquela manhã, relatos de frustração entupiram o grupo de WhatsApp do Pecep, o pré-vestibular comunitário onde Carvalho se preparava para a prova. Criado em 2001, o cursinho é abrigado na Escola Parque, frequentada por alunos da classe média-alta da Zona Sul. As mensagens que circularam no grupo pintavam um cenário de guerra civil: traficantes armados, casas alvejadas e até corpos incinerados. Diante dos relatos, os diretores do Pecep recomendaram que os alunos ficassem em casa.

O conflito na Rocinha continuou na semana seguinte. Alguns dias após a prova, mais de 900 soldados do Exército ocupavam o morro, a presença da Polícia Militar foi reforçada e o Bope – a divisão de elite da PM – entrou na favela em busca de traficantes que se escondiam pelas matas no entorno. Nas operações, 21 pessoas haviam sido presas e seis mortas até o fim de setembro. Mesmo em meio ao fogo cruzado os alunos queriam voltar para o cursinho, mas os professores acharam arriscado – a Escola Parque recebera recomendações da polícia para suspender suas atividades. O conteúdo das aulas foi enviado pela internet para que os estudos não fossem interrompidos.

Alunos e professores se reencontraram na quarta-feira, dia 20, quando a situação parecia mais calma. Os diretores traziam uma boa notícia: tinham conseguido uma audiência com a reitoria da Uerj. Os alunos comemoraram, esperançosos de que ganhariam outra chance de fazer o vestibular. Mas a aula daquele dia teve que ser interrompida. Um forte tiroteio forçou-os a esperar para voltarem para casa em grupo, sob a supervisão dos professores.

No dia seguinte, os diretores do cursinho foram recebidos na Uerj. Segundo eles, a reitoria lamentou que alguns alunos tivessem perdido a prova, mas alegou que não podia ir contra o edital, que delega ao candidato a responsabilidade por se locomover até o local do exame. “Argumentaram que o direito de ir e vir é uma responsabilidade do Estado, e não da Uerj”, disse Mariana Alves, uma das diretoras do Pecep. Os professores pretendem acionar o Estado para que seus alunos possam fazer a prova.

O vestibular realizado em setembro seleciona os alunos que cursarão o primeiro semestre letivo de 2018 na Uerj, uma das instituições mais afetadas pela crise econômica que atinge o estado do Rio. O atraso do calendário se deve às greves e às condições precárias para as atividades acadêmicas na universidade, que desde 2015 tem atrasado o salário de servidores e prestadores de serviço.

A primeira fase do vestibular da Uerj é oferecida em duas datas distintas – os candidatos que fizerem ambas as provas podem optar pela maior nota. Como Brena Carvalho havia feito o primeiro teste em julho, sua ausência no exame de setembro não a eliminará do processo seletivo.

Nem todos os candidatos tiveram a mesma sorte. Foi o caso de um aluno de outro cursinho pré-vestibular comunitário que atende moradores da Rocinha. Como não tinha dinheiro para fazer as duas provas – a taxa de inscrição é de 60 reais –, decidiu

encarar apenas a de setembro. Sem conseguir sair de casa, terá que esperar até o ano que vem para tentar o ingresso na Uerj.

O rapaz – que preferiu não se identificar – marcou um encontro com a **piauí** no domingo seguinte ao da prova numa das ruas mais movimentadas da Rocinha. Naquela tarde, policiais e soldados do Exército revistavam carros e motocicletas que subiam e desciam o morro. Helicópteros davam rasantes sobre a mata que circunda a comunidade em busca de traficantes. Vinte minutos após o horário combinado, o vestibulando mandou uma mensagem cancelando o encontro. Como sua mãe não estava em casa, ele não poderia sair. “Não posso deixar minha irmã sozinha”, justificou-se. “A situação está instável.”

O SÍNDICO *VERSUS* PINTADO

Uma encrenca de quarenta anos

PAULA SCARPIN

“**V**ocê já tentou estacionar seu carro perto da Miguel Lemos? Não caia nessa!

Estacionamento é o drama de quem mora ou trabalha naquela área, a mais crítica da Zona Sul.” Assim começa um anúncio de página inteira publicado no *Jornal do Brasil* em 23 de novembro de 1970. Tentava convencer os leitores a adquirir vagas no Edifício-Garagem Auto-Mar I, no número 76 da rua Miguel Lemos, em Copacabana. A obra estaria concluída em catorze meses, assegurava o texto persuasivo, que parece escrito para ser lido pelo locutor do *Repórter Esso*. Na ilustração, um homem calvo e sorridente empunhava notas de 10 mil cruzeiros estampadas com a imagem de Santos Dumont. A cédula foi tirada de circulação em 1975 – ano em que a obra do edifício-garagem foi abandonada de vez.

No mesmo ano, Evandro Álvares se mudou para o prédio vizinho. “Esse trambolho ali do lado me fez pensar duas vezes antes de comprar o apartamento”, contou o funcionário público e hoje síndico do número 74 da ainda movimentada rua de Copacabana. Segundo registros da época, a construtora De Paoli, responsável por erguer o prédio, abriu falência. Álvares encabeçou um abaixo-assinado à Defesa Civil pedindo a retirada dos tapumes que ocupavam toda a calçada. Ao evocar o caso numa noite recente, o sexagenário fez tom de suspense: “Os problemas estavam só começando.”

Hoje, o pedestre que não olhar para cima ao passar pela calçada par da Miguel Lemos pode nem se dar conta do prédio abandonado. Do nível da rua, a fachada parece bem cuidada. O muro, pintado com desenhos coloridos, pode ser confundido com uma creche – e não dá a dimensão do pesadelo narrado por Álvares.

O funcionário público perdeu a conta de quantas cartas, telefonemas e e-mails enviou para instâncias variadas de poder, cobrando providências. Dentre os transtornos mais corriqueiros que o prédio abandonado lhe causou nos últimos quarenta anos estão os ratos e baratas que invadem o edifício vizinho. Além disso, pode haver ali focos de proliferação do *Aedes aegypti*, solenemente ignorados pelos agentes de saúde que vêm fiscalizar o número 74. “O mosquitinho vai ficar só lá dentro?”, questionou Álvares. “Ele vem pra cá!”

Os tapumes foram finalmente retirados nos anos 80, e algumas famílias de sem-teto não demoraram a ocupar a obra abandonada. Depois de reiteradas reclamações de Álvares e outros moradores, a reintegração de posse foi concedida, e o prédio, lacrado por fora. Um dos ocupantes, porém, manteve o endereço. Anatólio Pinto da Silva, de 72 anos, passou a viver na calçada em frente ao ex-futuro edifício-garagem. “Ele se

apossou completamente do espaço público”, protestou o síndico vizinho. “Construí uma casinha de cachorro pra ele dormir, e passa o dia inteiro fazendo barulho com os biscates dele.”

O desafeto de Evandro Álvares nasceu na Praia do Pinto, comunidade removida do bairro do Leblon no fim dos anos 60. Sua família se mudou para a Rocinha em seguida, mas ele preferiu, ainda adolescente, morar na rua. Trabalhou como sapateiro e marceneiro durante toda a vida. “Eu vivo dessas pedrinhas portuguesas, que são boas de engancha o salto”, disse numa manhã de setembro.

São de Pinto os desenhos e escritos caprichados que adornam a fachada do prédio abandonado – uma mistura de arte *naïf* e Arthur Bispo do Rosário. No portão de entrada do edifício jamais inaugurado, ele desenhou um Pequeno Príncipe segurando uma balança (“É a Justiça”); um homem obeso entalado no vaso sanitário ao lado dos dizeres “500 kg comeu demais” (“É o Roberto Jefferson”); e um menino negro, com a legenda “Pivete a base do social”. A obra que mais se destaca é a pintura de um urubu coroadado com as asas abertas e os dizeres: “O Rei”, “Conservação”, “Espaço” e “Sobrevivência”. “Esse sou eu”, explicou o morador de rua.

“Pintado” – como prefere ser chamado – não entende a implicância do síndico do 74 com ele: “Se não fosse por mim, como ia estar essa calçada? Eu varro todo dia, limpo tudo. Tem dia que desembesto e vou varrendo até dentro do túnel”, afirmou, referindo-se à via que corta o Morro do Cantagalo.

O bom humor de Pintado desaparece ao falar de Evandro Álvares. Segundo ele, o síndico já levou a guarda municipal para recolhê-lo várias vezes, sem sucesso. “Eu sou bom com as palavras, né? Falei que, pra me tirar, vão ter que recuar de volta todas essas grades de prédios que avançam na calçada e recolher essas mesinhas de botequim”, contou. “Por que só eu não posso?” De fato, como o edifício abandonado é o único da rua a não ter avançado sobre um naco de espaço público, a área que Pintado tomou para si parece se encaixar perfeitamente no limite da calçada disponível para os pedestres. “De uns tempos pra cá, ele deu pra dizer que o prédio corre risco de desabar”, disse. “Tudo pra me tirar daqui.”

Em 2012, quando um prédio ruiu na Cinelândia, no Centro da cidade, Evandro Álvares começou a pressionar a prefeitura e a Defesa Civil para darem uma solução ao prédio abandonado na Miguel Lemos. “Eles vêm, olham de fora, dizem que o prédio está sólido, e que edifícios-garagem são projetados para sustentar muito peso”, disse. Mas frisou que o prédio tem dois andares subterrâneos que sempre inundam. “Imagina como está essa estrutura.”

O síndico convidou a **piauí** para ver de perto – do topo do número 74 – o estado de conservação do edifício abandonado, na manhã seguinte. “Eles têm dez andares a mais do que a gente”, disse Álvares. “Se o 76 resolver cair, não vai sobrar nada do 74.” Para um olhar leigo, o prédio abandonado tem aparência firme e não oferece risco. Uma ou outra rachadura no revestimento, apontadas pelo síndico, não têm ar muito

ameaçador. A Defesa Civil e a Secretaria de Habitação não atenderam aos pedidos de esclarecimento sobre o risco de desabamento do imóvel. Lá embaixo, sem se preocupar com a solidez do prédio às suas costas, Pintado consertava um sapato.

O OPERÁRIO

Jesus dá a volta por cima

RICARDO LESSA

Em abril de 1974, nos anos de chumbo, o operário Jesus Paredes Soto estava encarcerado no DOI-Codi da rua Tutoia, em São Paulo. Lá, os presos eram despertados com cinco metódicas pancadas de cassetete nos rins. “Comunista tem que mijar e cagar sangue”, rugia Pedro Antônio Mira Grancieri, o Pedro Marinheiro, também conhecido como “Capitão Ramiro”, um dos assassinos de Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho.

Franzino, Soto mal andava depois das porradas – foram onze meses que o deixaram praticamente demente, sem saber onde estava nem reconhecer os amigos. “Eu sentia que ia morrer, como meus companheiros”, comenta hoje, aos 69 anos.

Foi graças à intervenção do cardeal Paulo Evaristo Arns que Soto escapou com vida. O operário, porém, só saberia disso anos depois, já no presídio político do Barro Branco. Certo dia dom Paulo foi visitar os presos, que se amontoaram para recebê-lo. Em dado momento, perguntou: “Quem é Jesus?” Vinda de quem vinha, a questão poderia soar como brincadeira ou desafio teológico. “Sou eu”, respondeu o próprio, relutante, com a voz baixa de sempre. E então o cardeal lhe contou da visita ao DOI-Codi, quando fez saber aos torturadores que tinha conhecimento de que o operário estava lá, e que botaria a boca no trombone caso ele desaparecesse.

Filho de espanhóis que lutaram contra o franquismo e fugiram para o Brasil com os seis filhos, Jesus, o caçula, deve seu nome por ter nascido num dia de Corpus Christi e para homenagear um tio, apelidado Cristo Rosso, combatente comunista na Guerra Civil Espanhola.

Desde os 16, Soto já militava nas organizações de esquerda em Porto Alegre. Num dia de 1969, na funilaria onde trabalhava com o pai e os irmãos, foi procurado por um rapaz e uma moça de sua organização, que o encarregaram de uma missão fora do estado. (A jovem, então com o codinome “Wanda”, viria a ser presidente do Brasil, 42 anos depois.)

Só descobriu sua tarefa ao chegar ao Rio de Janeiro no dia seguinte: queriam que ele arrombasse um cofre. Desconhecendo técnicas de arrombamento, os companheiros recorreram ao rapaz – familiarizado com maçaricos e martelos, ele saberia como agir.

Mas Soto não sabia. Empenhado na causa, porém, passou a noite matutando. O maçarico, pensou, poderia não cortar o aço e ainda por cima queimar todo o dinheiro, mas seria complicado prescindir dele. A solução que bolou previa o uso de brocas e de

uma mangueirinha para jogar água dentro do cofre enquanto o maçarico estivesse em ação.

No dia 18 de julho, uma dúzia de militantes tomou de assalto uma casa em Santa Teresa. Era onde morava Ana Capriglione, amante do ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros, que a tratava por “dr. Rui” quando se falavam ao telefone. Na casa havia mais de 2 milhões de dólares guardados, conforme souberam por um sobrinho dela.

O cofre pesadíssimo foi retirado da casa graças a um sistema de pranchas que cobriam a escadaria, engenhoca inventada por Soto, e transportado até uma casinha preparada para parecer uma gráfica de subúrbio. Chegada a hora de agir, primeiro furaram o cofre com a broca para encaixar a mangueira. Ainda com a broca, cortaram então o aço que contornava o segredo, cujas traves ficaram expostas, ao alcance do maçarico. A água, retida entre as muitas camadas de metal, pouco molhou as cédulas – eram cerca de 2,5 milhões de dólares.

A partir dessa operação, Soto passou a ser buscado pela polícia, com sua foto afixada em locais públicos (o que não o impediu de, no ano seguinte, participar do sequestro de um embaixador). Mas Soto não admite ser chamado de terrorista. “Somos humanistas”, protesta com voz calma e gestos contidos.

Ao sair da cadeia, em 1979, Soto fez a autocrítica: “A via que escolhemos não tinha como dar certo. Só haveria mudança junto com as massas de trabalhadores.” Ele procurou na época os metalúrgicos de São Bernardo, onde as coisas começavam a fervilhar. Mas ele e outros militantes não podiam entrar no sindicato, à época presidido por Lula, por não exercerem o ofício – problema resolvido quando alguns artistas emprestaram dinheiro para a aquisição de uma mecânica em São Bernardo.

Sob a direção de Soto, a oficina prosperou. Mas o sucesso foi também sua desgraça. Enxergando no negócio uma fonte de dinheiro, a direção do MR-8, organização de resistência à ditadura que Soto começara a frequentar, passou a meter a mão no caixa, em nome da causa. Sócio principal, Soto teve que quitar as dívidas da mecânica com a ajuda do sogro.

Chateado com os malfeitos dos ex-companheiros e sem grana, foi vender cerveja nas praias do Rio. Seis meses depois, foi reconhecido por uma moça que costumava visitar presos na cadeia em São Paulo: “Você não é o Jesus?” Já era a época da abertura, o ex-militante não tinha o que temer: sim, era ele mesmo. “Meu pai está começando um negócio no ramo farmacêutico e precisa de uma pessoa como você”, ela disse.

O pai era Pedro Figueiredo, um engenheiro que em 1982 abriu no Rio de Janeiro a Nova Era, farmácia homeopática que mais tarde se tornou uma grande rede. Soto disse à ex-militante que nada entendia do assunto, mas Figueiredo queria alguém de confiança – como o desajeitado ambulante.

Jesus trabalhava das oito às oito e ainda encontrava tempo para estudar (formou-se em farmácia). Observando o funcionamento da máquina que fabricava os glóbulos de açúcar com os quais são veiculados os remédios homeopáticos, percebeu que havia um modo mais eficiente de fazer a mesma coisa. Acabou abrindo sua própria fábrica.

O antigo mecânico amealhou um bom dinheiro, o bastante para comprar um apartamento e educar dois filhos e uma filha em bons colégios. Chegou a exportar seus glóbulos para cinco países. Com dezesseis funcionários, a fábrica reinou sozinha na sua especialidade por dez anos e continua rentável. Mas o empresário não perdeu de vista a luta de classes. “Converse com meus funcionários: três se formaram em farmácia e ajudou todos que querem estudar”, diz, orgulhoso.

Soto hoje é um senhor entre tantos da Zona Sul carioca. Perdeu um dos rins para um câncer causado pelos múltiplos cistos decorrentes da tortura (o outro está periclitante). Três vezes por semana, vai a uma clínica fazer sessões de hemodiálise.